

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número: **264**

Mês: Fevereiro

Ano: 2021

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Foto: Divulgação

A exuberância visual de Beatriz Milhazes

A retrospectiva da artista Beatriz Milhazes está no Itaú Cultural e no Masp, de São Paulo, até 30 de maio. Apresenta uma ampla seleção de pinturas, gravuras, colagens e obras tridimensionais, além de trabalhos inéditos realizados em parceria com a coreógrafa Márcia Milhazes, irmã da artista.
(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

J Editorial

As perdas de vidas humanas, por causa da pandemia, atingiram em cheio o setor da educação. Praticamente em todos os Estados tivemos perdas altamente expressivas. Somente em São Paulo dois nomes podem ser citados, como homenagem póstuma. O primeiro deles foi o nosso particular amigo Gabriel Mário Rodrigues, fundador da Universidade Anhembi Morumbi, criada com o nosso voto no então Conselho Federal de Educação. Ultimamente, ele presidia o Conselho de Administração da Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES) e era diretor da Kroton Educacional. É uma perda bastante sentida. Outro nome que lamentamos o desaparecimento é o do professor Antonio Veronezi, fundador da Universidade de Guarulhos e um educador muito ativo. São mortes que nos deixam entristecidos e que farão muita falta à nossa educação.

O editor.



O **JORNAL DE LETRAS** homenageia, neste número, a acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, referência no movimento feminista e na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. A jornalista, escritora e ensaísta faz aniversário no dia 27 de março. Antecipamos os merecidos cumprimentos.

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editadora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

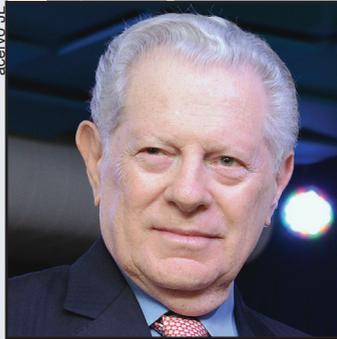
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O **JORNAL DE LETRAS** É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J Opinião

Arnaldo Niskier



A perda de um grande educador

A pandemia já provocou a morte de mais de 200 mil brasileiros. Seguramente, é a maior tragédia vivida pelo nosso povo. Particularmente, fiquei muito triste com a notícia que me foi transmitida pelo filho Celso: a morte do querido amigo Gabriel Mário Rodrigues, aos 88 anos de idade.

Trata-se de um dos nossos maiores educadores, criador de importantes instituições e com quem tive a alegria e a honra de conviver. Nesse último Natal, mesmo sabendo que ele estava internado, com uma doença terrível, enviei-lhe um verso que ora transcrevo:

Você recorreu ao Bessa.
E eu embarco nessa:
“Relembre o que foi bom,
Redescubra algum dom”.
Conhecendo bem a sua vida,
Sinto como é querida.
Vida de amor, bem-querença,
E isso faz a diferença.
Na terra ou no céu,
Viva para sempre o Gabriel.

Com mais de 50 anos de atuação em grupos educacionais, Gabriel foi líder e pioneiro. Criou a Universidade Anhembi Morumbi (com o meu voto no Conselho Federal de Educação), a Anhanguera Educacional, a Cogna Educacional e dirigiu a Kroton Educacional. Era graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie e fez especialização em Comunicação Empresarial. Foi reitor da Universidade Anhembi Morumbi de 1997 a 2013 e exerceu importantes funções no Sindicato das Escolas Particulares (Semesp), no Conselho da ANUP e foi presidente do Conselho de Administração da ABMES, à qual continuava ligado.

Escreveu livros, criou a Rádio Brasil 2000 FM e era presidente da holding Gamaro, que se dedicava, com grande êxito, a lançamentos imobiliários. Um homem de múltiplas virtudes, que certamente fará muita falta aos seus familiares e amigos. Estimamos que descanse em paz.

“Defendo o que eu gosto e quem eu gosto até o fim, mesmo que para isso eu fique em pedaços.
A vida pode te deixar em pedaços, mas o amor te deixará inteiro.”

Lima Barreto

“Maravilhas nunca faltaram ao mundo;
o que sempre falta é a capacidade de senti-las e admirá-las.”

Mario Quintana

Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos*

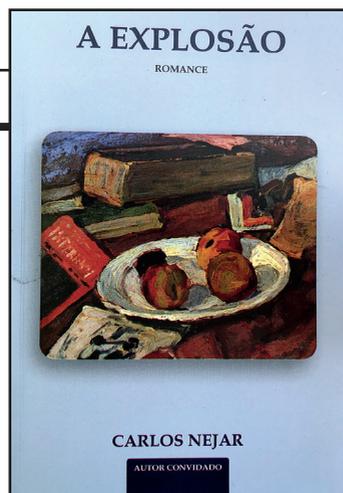
A narrativa do romance *Explosão* de Carlos Nejar

“Não inventei Jordana, ela se inventou sozinha, com luz que não fantasiava, nem emudecia. Como a erva que nasce e persiste sendo no vento, erva. Mas Jordana tinha voz e a erva nem sabe de onde vem a voz do vento” (Nejar, 2019:40). O excerto com o qual dou início a este texto é uma das várias descrições do personagem central que encontramos na belíssima e intrigante narrativa de *Explosão*, romance de Carlos Nejar, publicado em 2019 pela Editora Prime de Goiânia-GO. “Descrição” é a palavra mais adequada que encontro no momento em que escrevo para tentar trazer ao leitor uma sombra do que sejam a personagem e a narrativa de Nejar, que parecem querer ser avessas a ensaios e definições fáceis. A personagem principal do romance, Jordana Duarte, embora compareça o tempo todo, não se deixa ser apreendida ou definida com facilidade e é, justamente, nessa difícil apreensão que se encontra uma das muitas belezas de sua composição e da narrativa do romance.

A obra de Carlos Nejar recupera o elemento fantástico, tão presente na literatura de escritores latino-americanos, sobretudo na segunda metade do século XX. Leitores familiarizados com essa produção compreendem que, de uma forma ou de outra, obras de cunho fantástico falam mais do tempo e das realidades em que as narrativas foram escritas do que se pode supor à primeira vista. Assim, a narrativa fantástica do conto *A casa tomada*, de Júlio Cortázar (1914-1984), mais do que da tensão experimentada por dois irmãos que partilham a sua existência em uma casa que é ocupada, pouco a pouco, por uma força misteriosa que os impele a abandoná-la, pode ser lida como metáfora das tensões vividas por aqueles que tinham as suas existências oprimidas pelas forças do Estado durante a ditadura militar na Argentina.

Fenômeno similar pode ser encontrado em obras classificadas como ficção científica. Ao lermos atentamente, por exemplo, obras de H. G. Wells (1866-1946), perceberemos que livros como *A máquina do tempo* e *A guerra dos mundos* falam muito mais da época em que foram escritos do que a respeito do futuro ou da fantasia que eles, aparentemente, encerram. Em *A máquina do tempo*, o autor coloca o personagem central em um futuro no qual se vê cercado por uma aventura entre dois diferentes tipos de seres evoluídos da espécie humana: um grupo que vive na superfície e outro que habita as profundezas do planeta, uma clara metáfora da imensa e terrível divisão de classes do mundo capitalista no auge das injustiças da Revolução Industrial inglesa. *A guerra dos mundos*, incrivelmente publicado em 1901, fala do planeta Terra sendo invadido por naves extraterrestres, enquanto mostra uma Inglaterra sendo impiedosamente bombardeada pelas forças alienígenas e um homem que atravessa várias cidades para tentar encontrar a sua mulher. O livro pode ser lido como uma metáfora (e mesmo uma terrível predição) das tensões políticas e sociais que já se faziam presentes na Europa e que culminariam com as Primeiras e Segundas Guerras mundiais.

Algo similar acontece na narrativa do romance de Nejar, a sua personagem principal participa do começo ao fim da narrativa, do mundo fantástico. Logo no primeiro parágrafo do romance, aprendemos que “Jordana Duarte começou a dar mel, como o da rocha, debaixo dos miúdos braços, sob o vinco das axilas e segregava na escuridão de alguns favos e as abelhas a coroavam, ávidas, passando a ser rastreada também pelas borboletas, como se obedecessem à sua ordem” (p. 11). Há, aqui, uma ligação extrema da personagem com elementos da natureza. Essa ligação se torna cada vez mais íntima durante o seu desenvolvimento. À medida que a narrativa avança, os leitores percebem que a ligação da personagem com o mundo fantástico é muito profunda. Jordana Duarte trafega entre o mundo dos seres humanos, mas parece pertencer a um reino no qual predominam o onírico e a mitologia: “Jordana Duarte escutava as vozes da floresta. Cada uma tinha o seu significado. Onde termina o homem, começa a serpente ou Deus” (p. 36). Quando dorme, Jordana tem a capacidade de trazer seus sonhos à realidade. Mas advirto que a relação com o fantástico é apenas uma pequena parte do que é o romance de Carlos Nejar. Em alguns



momentos, ele parece mesmo ser um desafio à filosofia, como na cena em que Jordana dialoga com o Professor Zimbório (p. 94), cuja formação parece ser limitada para apreender os tantos e inapreensíveis sentidos que Jordana deseja expressar. Há também um desejo místico nos movimentos de Jordana, daquele que se comunica com os animais, tal como São Francisco ou o que carrega uma natureza que se deseja unir a um deus que se busca incessantemente.

Não terei a arrogância de apontar uma leitura definitiva sobre o que a narrativa da vida de Jordana Duarte nos fala, nem para quais metáforas ela pode estar nos apontando. Como diz a própria narrativa, “Jordana, leitores, não tinha que descobrir o mundo, era o mundo que a descobria” (p. 41). Eu também deixarei o prazer desta descoberta para os leitores de Carlos Nejar, pois o seu romance é um daqueles presentes que só a arte literária pode nos proporcionar. Somente a sua leitura pode oferecer a cada um de nós as dimensões do que nela podemos e desejamos alcançar. Mas ao terminar o livro de Nejar, trago em mim uma íntima certeza de que a narrativa de seu romance também se refere a muitas das tensões que vivemos em nosso tempo. Ao se fundar na mitologia, elemento ao qual a narrativa recorre muitas vezes, a personagem nos parece querer afirmar as nossas origens e chamar a nossa atenção para as responsabilidades de nossas escolhas. Na página 138, quando o texto revela que “Tinha uma caixa nas mãos, com memória e mitos, como se fossem ventos entocados. E a língua se moldava no mundo: nada existia sem palavra”, fiquei imensamente tentado a relacionar Jordana ao mito de Pandora, aquela que recebeu das divindades todos os dons, mas que, ao menos no mito de Hesíodo, deixa escapar todas as pragas do jarro de Epimetheus, talvez, apenas para nos lembrar daquele valor áureo ao qual muitas vezes precisamos nos agarrar na história da humanidade: que hoje, também, não nos esqueçamos da esperança, não daquela “esperança” que quer se fazer sinônimo de espera ou de resignação, mas daquela “esperança” que nos faz acordar todos os dias e nos dá forças para que sejamos cada vez mais senhores de nossos próprios destinos, não obstante a todas as pragas que tenhamos enfrentar.

*William Soares dos Santos é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e escritor.

Sequências

Poema inédito Carlos Nejar*

Não é o tempo
que envelhece.
Nós que envelhecemos
o tempo. Depois o tempo
nos envelhece e ele fica
jovem, entretecido.
Depois é que enverdecemos.
E começa conosco
outra civilização.
A partir da infância.
Derrubamos os escombros,
para que as pedras
sejam em novo espaço
ajustadas. É quando
as instituições são
como jarros na sacada.
E o tempo volta a envelhecer
sem tréguas. Posto em ataúde
sob a terra inerte, desvanecida.
E o tempo morre sem reconhecer
os nossos mortos. Morre
de mão única. E como quem
morre não é o tempo, somos
nós, não gravamos sequer
um epitáfio. Pois toda
a civilização não passa
de uma erosão da memória.

*Carlos Nejar é escritor e membro da Academia Brasileira de Letras.

COM O OBJETIVO de desenvolver habilidades e preparar crianças e jovens na relação com as mídias, Ana Cláudia Ferrari, Daniela Machado e Mariana Ochs lançaram o *Guia da Educação Midiática*, publicado pelo Instituto Palavra Aberta.

POESIA REUNIDA, lançada pela Editora 7 Letras, reúne em um só livro toda a obra poética do ex-ministro Luiz Roberto Nascimento e Silva, desde a primeira, *O Segredo da Lua quem Sabe é o Clarão do Sol*, publicada em 1975, até a mais recente, *Rio 80 Graus*, de 2018.

A PARTIR DESTES ANOS, Nelson Rodrigues, um dos maiores nomes da nossa dramaturgia, terá toda a sua obra de romances e folhetins publicada pela Harper-Collins.

CHEGA ESSE MÊS às livrarias brasileiras a biografia *Kamala Harris: a vida da primeira mulher vice-presidente dos EUA* (Editora Agir), escrita por Dan Morain, repórter que acompanhou a ex-procuradora da Califórnia e ex-senadora americana por 25 anos.

O LIVRO *Uma Terra Prometida*, primeiro volume da autobiografia de Barack Obama, lançado mundialmente pela Penguin House (no Brasil, pela Companhia das Letras), vendeu 835 mil cópias nos EUA em apenas uma semana, o que o torna recordista em vendas no período.

MAIOR REDE de bancos para a arrecadação de alimentos para doações, o “Mesa Brasil Sesc” já conta com 91 unidades operacionais de coleta e distribuição em todos os estados do país.

COM EXPRESSIVA votação, o jurista Ronaldo de Britto Poletti foi reeleito para a presidência do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

LANÇADO PELA Máquina de Livros, a obra *Polícia Federal – como a PF se transformou numa das instituições mais respeitadas do país e as disputas por seu controle*, do jornalista Anderson Sanchez, revela os bastidores da instituição. O texto inclui desde os esforços para torná-la independente às megaoperações contra a corrupção.

ÀS VÉSPERAS DA entrada de 1984, de George Orwell, em domínio público, as editoras começam a organizar seus catálogos e o leitor pode esperar novas opções. A Nova Fronteira vai lançar, em março, uma versão em história em quadrinhos. A adaptação é assinada pela dupla francesa Sybille Titeux de La Croix (roteiro) e Amazing Ameziane (ilustrações).

VENCEDOR DOS concursos Todavia de não ficção e do Machado de Assis, da editora Darkside, o mineiro

Bruno Ribeiro lança *Porco da Raça*, um dos livros premiados, onde trata de violência e racismo.

O LIVRO *Vidas Negras Importam e Libertação Negra* (Ed. Elefante), da escritora e ativista afro-americana Keeanga-Yamahitta Taylor, analisa quatro décadas do movimento racista nos EUA e joga luz sobre o velho conceito de “daltonismo racial”, numa reflexão que vale tanto para a sociedade americana quanto para a brasileira.

EM *A Mulher que Não Matou a Criança – a infância na escrita de Clarice Lispector* (Ed. Amavisse), a jornalista, escritora e mestre em Literatura Brasileira Júlia Duque Estrada mostra que a saudosa autora mantém em toda sua obra uma busca incessante por uma linguagem próxima ao sensorial.

RITOS AFRO-BRASILEIROS, tensão racial e busca por um país mais tolerante conduzem a narrativa de *O Patuá de Oxum*, novo romance de Marcus Veras, lançado apenas em formato digital.

NAS 624 PÁGINAS de *Quarenta e Quatro em Quarentena* (Ed. Intrínseca), o arquiteto Miguel Pinto Guimarães apresenta conversas com 44 personalidades de várias áreas, entrevistadas remotamente, ao longo dos meses de isolamento social.

RIO DO FUTURO (Ed. Tix Edições e Arte) de Sérgio Bernardes (1919-2002), um dos mais importantes arquitetos brasileiros e referência da segunda geração modernista, resgata projeto de 1965 e traz como prefácio o último texto escrito por Alfredo Sirkis antes da morte, no trágico acidente de carro, em 2020.

O ITAÚ CULTURAL prepara para este semestre, em São Paulo, uma grande exposição sobre Chiquinha Gonzaga (1847-1945), incluindo objetos como o piano da compositora, que pertencem ao acervo do Teatro Municipal do Rio.

COM 1.056 PÁGINAS, o escritor norueguês Karl Ove Knausgard, autor da série *Minha Luta*, lançou o sexto e último volume da série: *O Fim* chegou ao Brasil pela Companhia das Letras, com tradução de Guilherme Braga.

DESVIO, romance do jovem escritor argentino Juan Francisco Moretti, lançado no Brasil em edição independente da Editora Ponto Edita, traça retrato irônico de uma juventude sem rumo.

A BELA EDIÇÃO de *Contra Mim* (Globo Livros), obra mais pessoal de Valter Hugo Mãe, traz na capa a arte de Adriana Varejão e é prefaciado pela acadêmica Nélida Piñon.

VACINA COVID – PLACEBO ou PANACÉIA



O RETORNO (Editora Arqueiro), com tradução de Ricardo Quintana, é o novo livro do americano Nicholas Sparks, que chegou ao Brasil junto com a reedição de *O Melhor de Mim*, um de seus maiores sucessos.

O ADVOGADO e escritor José Roberto Castro Neves trata das ligações entre a arte e o Direito na obra *O Espelho Infiel*, da Editora Nova Fronteira.

ALGORITMOS DE DESTRUIÇÃO EM MASSA (Editora do Sabão), de Cathy O’Neil, obra que inspirou o documentário “O dilema das redes”, mostra o que está por trás dos modelos matemáticos que moldam o nosso futuro como indivíduos e sociedade. A tradução é de Rafael Abraham.

ESCRITO um ano antes do isolamento social causado pelo coronavírus, o livro *Sugar Baby e Hashtag Eu* (Editora Lacre), de Toni Marques, retrata uma sociedade refém da internet. Na obra, a linguagem escrita incorpora a tecnologia do teclado, com gírias, abreviaturas e neologismos.

EM *Uma Jornada com Propósito* (Ed. Magia de Ler), Stéphanie Habrich, sobrevivente dos atentados ao World Trade Center, mistura reflexões sobre o empreendedorismo e lembranças pessoais, desde a infância na Alemanha, onde nasceu, até a mudança para o Brasil. A autora milita pela alfabetização midiática, ou seja, para que crianças e jovens sejam ensinados a se relacionar com a mídia.

COMO CUIDAR DO SEU DINHEIRO, obra com a Turma da Mônica lançada pela Harper Kids, é fruto da parceria

entre o influenciador Thiago Nigro e o cartunista Mauricio de Sousa.

MATARAM MARIELLE (Ed. Intrínseca), dos jornalistas Chico Otavio e Vera Araújo, é o primeiro livro-reportagem sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes. A obra analisa os bastidores da investigação e a ação das milícias no Rio de Janeiro.

CARTA À RAINHA LOUCA (Ed. Alfaguara), de Maria Valéria Rezende, terceiro lugar no Prêmio Oceanos, é um romance ambicioso que remonta à descoberta de três cartas sobre uma mulher acusada de criar um convento clandestino no país, no século XVIII.

ANCESTRAL, escrito na década de 1950, primeiro livro da italiana Goliarda Sapienza (1924-1996), tem tradução inédita no Brasil feita por Valentina Cantori para a Editora Ayné.

A OBRA COMPLETA de Henriqueta Lisboa foi relançada pela Editora Peirópolis, às vésperas dos 120 anos de seu nascimento, que coincidiu com o aniversário de Cecília Meireles, em 2021.

EM SEU ROMANCE de estreia, *Os Viajantes* (Companhia das Letras), a americana Regina Porter conta a saga de duas famílias, uma branca e outra negra, da década de 1950 até hoje.

O CONTRATO SOCIAL (Ed. Paz&Terra), da cientista política Carole Pateman, revisita autores, conceitos e estruturas para sua reinterpretação da teoria política dos séculos XVII e XVIII. A tradução das 364 páginas é de Marta Avancini.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Impressionante!

Um famoso apresentador, a respeito de um badalado desfile de modas: “Olha que impressionante!”

Impressionismo foi um movimento artístico que revolucionou profundamente a pintura e deu início às grandes tendências da arte do século XX.

Impressionante é um adjetivo, que significa o que impressiona; que causa admiração.

O apresentador deveria ter dito: “Olha que **impressionante!**”



Cuidado com a disenteria

Se o Sebastião pedir a “sua chefe” para sair mais cedo para ir ao hospital fazer o teste de COVID, não terá autorização, pois “a chefe”, só como piada.

O certo é **a chefe**, ou **o chefe**.

Sebastião ficou tão nervoso que teve **disenteria**. Dor de barriga mesmo!

Disenteria é uma palavra cuja grafia suscita dúvidas, até porque a maior parte das pessoas pronuncia o primeiro **e** com **som** de **i**. Mas não duvide, a grafia correta é **disenteria**.

Espero que o teste do Sebastião tenha dado negativo!

Maus-tratos

“O patrão costumava destratar seus empregados. Alexandre ficou zangado e quis distratar o contrato de trabalho.”

Observe a diferença dos significados dos verbos:

Destratar é insultar, tratar mal.

Distratar é desfazer, romper (um contrato).

Heterônimos

Você sabe o que é heterônimo?

É um nome e/ou personagem inventados por um autor para assinar obras com estilos literários diferentes. Um famoso escritor que tinha vários heterônimos é Fernando Pessoa. Eis alguns dos seus heterônimos: Alberto Caeiro, Álvaro Campos, Bernardo Soares, Charles Roberto Anon, Chevalier de Pás (primeiro heterônimo), Coelho Pacheco, H. M. F. Lecher e Ricardo Reis.

Clima adverso

“Adriana não sabia que na região nordeste há o clima semi-árido.”

Nosso país é continental, logo, temos vários ecossistemas, mas nenhum deles é “semi-árido”. A palavra é **semiárido** – sem hífen e acentuada. Por quê?

1ª – é um vocábulo proparoxítono e, como tal, deve ser acentuada.

2ª – quando o prefixo termina em vogal **semi** (i), diferente da vogal que inicia a segunda palavra, árido (a), não se admite o hífen – **semiárido**. Frase correta: “Adriana não sabia que na região nordeste há o clima **semiárido**.”

Atraso policial

“Alice disse que foi assaltada porque a polícia não tinha chego a tempo.”

Nem ia chegar, escrevendo dessa forma. A forma verbal “tinha chego” não existe. O verbo chegar não é abundante, isto é, não tem dois participios, somente um: **chegado** e “chego” é a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo o correto é **tinha chegado**.

Período correto: “Alice disse que foi assaltada porque a polícia não tinha **chegado** a tempo.”

Lavando bem

A lavadeira enxágua ou enxagua as roupas?

Tanto faz! O que importa é que as roupas fiquem limpas. Os verbos terminados em **guar** admitem duas pronúncias em algumas formas dos presentes do indicativo e do subjuntivo.

Atenção: se você pronunciar com **a** tônico, essas formas devem ser acentuadas: enxáguo / enxáguas / enxágua / enxáguam / enxágue / enxágues / enxágue / enxáguem.

Se você pronunciar com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas: enxaguio / enxaguas / enxagua / enxaguam / enxague / enxagues / enxáguem.



Sangue no jornal

Por Gabriel Chalita*

Só aos domingos minha família comia carne. O dinheiro não suportava outra possibilidade. Era minha avó quem determinava a ida ao açougue. Quantos anos eu tinha na época? Sete ou oito, talvez.

Gostava nada de entrar no açougue e ver o pendurar de vidas que foram abatidas para alimentar outras vidas. Foi aí que resolvi nunca mais comer carne. Não queria, dentro de mim, aqueles sofrimentos todos. Ficava imaginando os sentimentos arrancados quando um bezerrinho se ia, quando um porco gordo já estava pronto, quando um carneiro engolia o choro para ser engolido por gente desconhecida. Desconhecemos os sentimentos, nós, os racionais, os humanos.

Se há dor nessas lembranças, há, também, preciosidades. Eu gostava de ir ao açougue e ler o quanto podia do jornal que haveria de embrulhar a carne. O senhor Zé Geraldo me observava. Tinha pressa nenhuma. Deixava que atendesse as outras pessoas. E ia lendo, e ia ficando atento ao mundo que se escondia naquele jornal. Em casa, era difícil de ler. O sangue no jornal embarçava a história.

Sonhei ser jornalista e jornalista sou. Deixei o interior e vim para a cidade grande. Catar letrinhas. Construir frases. Espalhar ideias. Dei muito orgulho à minha avó, antes de partir. Meu pai não conheci, e minha mãe tinha pouco tempo para me perceber crescendo. Não lamento o que não tive. O que tive foi suficiente para chegar até aqui.

No jornal em que trabalho, ainda me preocupo com meninos descalços que ficam, em algum lugar, tentando ler. Com mentes que ainda estão em formação. E, por isso, renovo em cada artigo o contrato com a verdade. Dizem que sangue no jornal aumenta a venda. Não sei. Desconfio dessas estatísticas. Dizem que é bom inventar algum escândalo. Sou jornalista, não sou inventor. Lamento que colegas de profissão

cedam ao engodo do espalhar inverdades. São irresponsabilidades que não acrescento ao meu currículo. Vejo alguns querendo proteger uns em troca de desonestidades. Outros abraçam o erro por preconceito. E há os que são precipitados. Querendo dar o “furo”, cospem inverdades e sujam vidas que são corretas.

Talvez eu esteja ficando velho. Pode ser. Mas a velhice está me encontrando com a mesma compaixão que tinha quando via os olhos daqueles inocentes animais sem vida pendurados no açougue do senhor Zé Geraldo. Não. Ele não era um homem mau. Ele foi apenas se acostumando com a morte.

Eu escolhi a vida para escrever. E, se errei, e, certamente, errei muitas vezes, tive a honra de me desculpar e de prosseguir tentando fazer o certo. Sei do poder que tenho, que nós, jornalistas, temos de povoar as mentes de informações e de conceitos. E, por isso, digo “não” a todo tipo de trama que nasça da perversidade. Dia desses um assessor de político me trouxe, em êxtase, um dossiê contra o seu opositor. Ofereceu algum presente. Pediu pressa. Apressado fiquei eu em me desvencilhar dessa teia. São doentes os que saem a elaborar astúcias para atingir o outro. Por que não lutamos no campo das ideias? Por que não sugerimos sonhos em vez de lamas?

Os que comigo trabalham gostam de me render homenagens, mas nem sempre homenageiam com seus atos os valores que tento deixar de herança. Prossigo, entretanto, semeando.

Já não sou o mesmo de ontem, cheio de certezas de que um jornalista seria capaz de mudar o mundo. Já não tenho a mesma aptidão para ouvir desavenças. Sou cuidadoso com o tempo que ainda me resta. Reservo para contar histórias que histórias construam e para amar a que construí com minha mulher, meus filhos e netos. Muito não temos. E, por isso, agradeço. O excesso de coisas torna a viagem mais pesada, mais desconfortável. Já o excesso de conhecimento só alivia a alma, os dias, a vida.

Aos domingos, minha família conta história e se alimenta de vida.

*Gabriel Chalita é escritor e membro da Academia Paulista de Letras.

**FERNANDA COSTA-MOURA**

O início de uma nova era

Arnaldo Niskier: Fernanda Costa-Moura é psicanalista, professora da UFRJ e lida diariamente com os jovens.

Gostaria de saber como vê essa fase em que estamos e como devemos nos preparar para o que chamamos de pós-vírus. Como é que você está vendo o desenvolvimento dessa fase no mundo todo, particularmente no Brasil? Registramos níveis também terríveis, mais de 200 mil mortos, até agora. Como você vê isso?

Fernanda Costa-Moura: Acho que essa pandemia foi uma reviravolta. Já foi dito por várias pessoas que, de alguma maneira, isso marca o início de nova era, para o planeta como um todo, para todas as nações, estamos mudando de século, propriamente dito. Quando olhamos para trás e vemos os eventos que, de fato, fizeram uma inflexão na história, percebemos que nem sempre vêm junto com o calendário. Nesse momento, estamos enfrentando as consequências de tudo que criamos, de tudo que nossa sociedade escolheu, bancou no caso do Brasil, em especial, as escolhas que fizemos, as desigualdades que criamos, as situações que sustentamos, de certa maneira, na pandemia, vieram à tona e estão cobrando seu preço.

Arnaldo Niskier: Você acha que nosso governo demorou a tomar providências para atenuar os efeitos da pandemia?

Fernanda Costa-Moura: Isso é reconhecido, de modo geral. Lidar com a pandemia não é fácil, acho que ninguém estava preparado para isso e, numa situação de emergência, de corte, de trauma, é muito importante o que sucede ao aparecimento do trauma. Uma coisa é recebermos uma pandemia como uma situação imprevista para a qual ninguém estava preparado, e outra é o que fazemos a partir daí. Num certo sentido, o que podemos fazer, a partir de um trauma, é tomar responsabilidade pelo que nos cabe, o que nos cabe de elaboração. Nesse sentido, acho que o governo, evidentemente, tem suas tarefas, suas responsabilidades e o que o governo fez ou não fez não sou eu quem vou dizer, é de domínio público. Todos nós, como cidadãos, estamos sujeitos a essas decisões e também vamos pagar pelas consequências das escolhas que fizemos. Individualmente, é preciso que, de alguma maneira, possamos tomar lugar no que se fez, a partir desse trauma e poder, de algum modo, escolher os caminhos de elaboração. O que sinto, como cidadã, só posso falar como cidadã, não sou especialista nisso, é que de alguma forma a pandemia nos exige um tipo de laço de solidariedade, de reconhecimento das fragilidades do outro, que não costumamos ter no Brasil. Temos uma história de dominação, uma dominação, muitas vezes, disfarçada, que está cobrando seu preço agora. Evidentemente, trombamos com um momento especialmente delicado da política nacional, a polarização, a luta de interesses, que nem sempre ficam explícitos.

Arnaldo Niskier: Um país deste tamanho, com esse nível de problemas, passar meses sem ter ministro da Saúde efetivo, acho que é uma coisa altamente condenável. Não deveríamos ter demora-

do tanto tempo para tomar as providências devidas. Você não acha que nossos jovens estão muito sentidos com isso tudo?

Fernanda Costa-Moura: Não sei a respeito das estatísticas, não saberia dizer, mas o fato é que essa situação da pandemia é muito difícil para os jovens. Eles estão enfrentando um desafio enorme, porque todas as medidas de confinamento que a pandemia exigiu atingem o jovem de maneira muito diferente de um adulto. O jovem, num certo sentido, está dando o passo, uns mais avançados, outros mais inicialmente, mas estão dando o passo justamente de encontrar o mundo. A angústia é uma das experiências humanas mais radicais. Raramente, na verdade, chegamos a esse ponto, porque angústia é alguma coisa que nos sinaliza um limite, que atinge inclusive o corpo, no sentido de que a partir da angústia temos que fazer alguma coisa. Pode ser alguma coisa desesperada, que não é uma boa saída, ou pode ser inclusive algo que nos leve a tomar mais lugar, mais responsabilidade, mais dentro da nossa própria vida, ou de alguma coisa que está a nosso cargo.

O que acontece com os jovens, hoje, acho que é uma situação muito ingrata, porque, neste momento, em que estariam indo para o mundo, têm que refrear isso e refrear de maneira abrupta. Precisam ficar confinados, a maior parte, no seu mundo familiar, seja com sua família imediata, seja com aqueles que moram juntos, em lugar de sair ou conhecer pessoas ou estar na vida ou andar sozinho. São coisas que o jovem de, alguma maneira, está conquistando, entrando na faculdade. Às vezes, com nossos calouros, seguimos essa aflição, o desejo que estão de poder dar o passo, de entrar na vida universitária e sair desse mundinho mais familiar, do colégio, da escola e, de alguma maneira, dar o passo e estão tendo que refrear isso. Isso vem com um mal-estar, evidentemente, vem com preocupação, com insegurança e pode se tornar angústia. Quando a angústia incide para um jovem sem condição de ter algum tipo de elaboração, até ele se dar conta do que está acontecendo, do que precisa fazer para dar cabo daquele estado insuportável, intolerável, que é a incidência da angústia. Ele pode, simplesmente, responder à angústia com uma medida desesperada, como essas coisas todas que estamos ouvindo, nos últimos tempos, de jovens se automutilando, uma taxa grande de suicídio entre pessoas muito jovens. Na UFRJ, por exemplo, há um serviço para cuidar disso, porque é, de fato, uma incidência alta e muito preocupante.

Arnaldo Niskier: E o papel dos pais nesse processo? O que caberia fazer diante disso?

Fernanda Costa-Moura: Não só os pais, como todos os adultos responsáveis que estão em volta desses jovens. Você sabe que a entrada na universidade mudou inteiramente, com a questão do SISU, e foi um grande avanço democrático na universidade. Um sujeito que está lá, no interior do Pará, pode concorrer a uma vaga no Rio de Janeiro, sem ter que vir ao Rio de Janeiro, sem ter que estudar para vinte vestibulares diferentes. Isso fez com que houvesse essa mobilidade enorme entre os jovens. Hoje, por exemplo, na UFRJ, temos grande quantidade de alunos que são de fora do Rio, que são de fora do Estado, inclusive, que vêm de muitos lugares diferentes do Brasil e, às

vezes, em condições completamente precárias. São alunos que, de alguma forma, têm pouca estrutura, seja familiar, financeira, de moradia para enfrentar seus estudos em outro lugar. Isso faz com que, muitas vezes, essa dificuldade do jovem passa inclusive despercebida nas situações em que vivem. Diria que os adultos que estão perto desses jovens, não necessariamente o pai ou a mãe, que às vezes estão muito distantes ou já estavam muito distantes, precisam olhar para esse jovem, escutar. Esses atos podem ser vistos simplesmente na ordem de uma patologia quando, na realidade, talvez tenhamos que enxergar a discursividade desses atos e o que os atos desses jovens estão dizendo sobre nós, sobre o modo como estamos vivendo, sobre o lugar que damos a eles, sobre o lugar que damos uns aos outros.

Arnaldo Niskier: Fico quase perplexo diante da notícia de que, para o orçamento do ano que vem, o Ministério da Educação terá um corte de 4 bilhões de reais. Parece que já há destinação prevista para esse dinheiro. Não quero entrar no mérito dessa questão, mas receber do principal ministério, a nosso ver, a notícia de que o orçamento será sacrificado em 4 bilhões, como previsão, é triste. Não lhe parece que é uma coisa completamente descabida?

Fernanda Costa-Moura: Não só triste, descabida, é inadmissível e é a marca da escolha que estamos fazendo. É óbvio que um país precisa se reequilibrar. O que é espantoso na nossa história é que o equilíbrio das finanças de um país tira sempre dos mais necessitados ou dos setores mais essenciais como educação e saúde. Então é uma coisa que viemos, reiteradamente, escolhendo e parece que escolhendo, cada vez mais, negligenciar os jovens, a educação, a ponto de vilipendiar isso. Não é só uma negligência, é um ataque o que vem acontecendo.

Arnaldo Niskier: E há um preço que nossa sociedade vai pagar muito em breve. Estamos formando uma geração com absoluta precariedade e isso, naturalmente, vai significar muita coisa em termos de futuro para nosso país. O que é tempo freudiano? Fala-se tanto nesse tempo freudiano. O que é isso exatamente?

Fernanda Costa-Moura: A expressão tempo freudiano fala de uma constatação que Freud fez que é muito bonita, muito interessante, de que o que está acontecendo agora só saberemos no futuro. O futuro vai nos dizer o que aconteceu no passado. Isso tem tudo a ver justamente com a questão das consequências que vamos enfrentar e das decisões que tomamos hoje em relação, por exemplo, à pandemia.

Arnaldo Niskier: Com a valorização da ciência, que é um pensamento seu. Temos que valorizar a ciência.

Fernanda Costa-Moura: Valorização da ciência, da cultura, de tudo que aconteceu na cultura, porque, apesar de todos os desmandos, os jovens acordaram muito nos últimos anos. Eles estão colocando em xeque uma porção de coisas desses nossos 500 anos, mesmo antes da pandemia. Estão colocando questões importantíssimas que nós, como nação, vamos ter que responder e responder com eles, inclusive ouvindo as questões que colocam, que são completamente desconcertantes, inusitadas e tem muito, muito, muito a nos fazer trabalhar. Juntos.

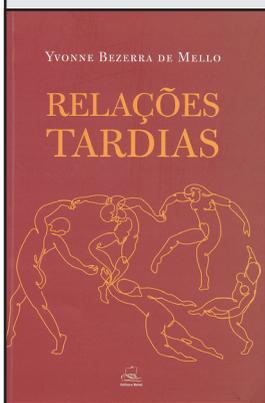
Arnaldo Niskier: Você tem visão otimista do nosso futuro?

Fernanda Costa-Moura: Não é que seja otimista, mas é preciso esperar que alguma coisa de mais interessante possa acontecer, que não seja o totalitarismo, uma opressão total e uma destruição do planeta. Fico pensando que, se alguma coisa interessante vier a acontecer, é por essas pequenas brechas que estão criando aí. Essas outras gerações talvez possam interrogar mais nosso modo de vida que as gerações passadas puderam fazer. Vamos ver. É um desejo.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



RELAÇÕES TARDIAS

Em *Relações Tardias* (Ed. Batel, 2020), Yvonne Bezerra de Mello relata, em seu oitavo livro, não apenas as experiências de sua viuvez, após 30 anos de um casamento feliz com o empresário Álvaro Bezerra de Mello. A autora entrevistou 100 mulheres acima dos 60 anos, de diferentes classes sociais. O resultado é uma narrativa tocante, capaz de cativar qualquer tipo de leitor. Ao longo de 176 páginas, Yvonne revisita e expõe, sem poupar a si própria, feridas hoje cicatrizadas. O tom da obra é o de uma conversa franca. Prefaciado pela jornalista e escritora Ana Arruda Callado, o livro tem a orelha assinada pela jornalista Anna Ramalho, que recomenda a leitura: “Yvonne é danada: tão boa para contar uma história que estou quase me animando a entrar numa relação tardia. O livro é cheio de lições e boas reflexões. E é multiuso: não importa se solteira, casada, divorciada ou viúva, vale muito a leitura.” Estruturado em dez capítulos, cada um

deles tem um tema a ser explorado. Os relatos pessoais encontram eco nos dados obtidos nas entrevistas e são fundamentados por palavras de autores universais, muitos deles poetas, como Fernando Pessoa ou Pablo Neruda. Um dos últimos autores evocados é Carlos Drummond de Andrade: “Amor é privilégio de maduros.” Yvonne Bezerra de Mello é formada em Filosofia e Linguística pela Universidade Sorbonne de Paris, especialista em Políticas Públicas pela UFRJ e mestre em Administração pelo Isla, em Lisboa. É também doutora Honoris Causa pela Universidade de Chicago. Ganhou inúmeros prêmios nacionais e internacionais, como o Prêmio Nacional de Direitos Humanos no Brasil. Membro do Pen Club do Brasil, é autora de vários livros técnicos de educação, infantis, romance e crônicas. Entre eles, o ganhador do Prêmio Jabuti, de 1994, *As Ovelhas Desgarradas e Seus Algozes*.

MEMÓRIAS DE FILHOS DE EXILADOS POLÍTICOS

O livro *Memórias de Filhos de Exilados Políticos* (Ed. Mourthé, 2020), como revela o próprio título, reúne relatos de brasileiros que passaram pela singular experiência de serem filhos de exilados políticos, revelando memórias afetivas de quem nasceu e/ou cresceu em terra estrangeira, em condições atípicas. Ora poético, ora jornalístico, os relatos de adultos que tiveram a convivência e o aprendizado vindo de pais que dedicaram a vida na luta por um ideal são diversificados. No prefácio, os organizadores da obra, Bayard Do Coutto Boiteux e Vanuza Campos Postigo (também autores), explicam os pontos que unificam a coletânea: “Como um mosaico, um vitral, uma bela colagem, juntamos esses pedacinhos de histórias que tecem uma bela trama, uma bela imagem. Com precisão de detalhes ou intensidade de afeto, cada relato tem o jeito e o ponto de vista de cada sujeito, enriquecendo e diversificando a composição do texto. O que todos temos em comum é sermos filhos de pessoas preocupadas com a democracia, a ética, a justiça, o coletivo.” Bayard Do Coutto Boiteux é filho do professor Bayard Demaria Boiteux [presidente da seção carioca do Partido Socialista Brasileiro (PSB) quando eclodiu o movimento político-militar de março de 1964]. Autor de vários livros, é professor universitário, escritor, pesquisador e funcionário público, além de voluntário do Instituto Preservale e da Associação dos Embaixadores de Turismo do RJ. Vanuza Monteiro Campos Postigo é psicóloga clínica (PUC-Rio), mestre em Psicologia pela UFRJ, doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ), fundadora e coordenadora do Instituto de Capacitação e Aperfeiçoamento Profissional e coordenadora da consultoria Família no Mundo Digital. Filha de Altair Lucchesi Campos, capitão do Exército, exilado em 1970, na Argélia, na África.

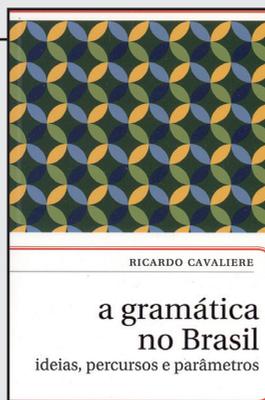


A GRAMÁTICA NO BRASIL

Através dos estudos publicados na obra *A Gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros* (Ed. Lexikon, 2014), Ricardo Cavaliere visa a contribuir com os esforços que se implementam para o desenvolvimento dos estudos linguístico-historiográficos, tornando a Historiografia da Linguística uma disciplina mais presente na formação dos linguistas brasileiros.

Trata-se de uma obra que interessa a todos que se dedicam ao estudo linguístico e desejam ter uma visão panorâmica das fases em que se desenvolveu e estabeleceu o pensamento gramatical ao longo dos séculos XIX e XX no Brasil. Em suas 176 páginas, encontram-se, também, estudos específicos sobre a influência doutrinária estrangeira na Linguística brasileira, bem como os principais autores e obras que atuam decisivamente na construção de seu ideário. Na orelha, o acadêmico Evanildo Bechara, apontado como o maior especialista em Língua Portuguesa do país, afirma: “Os estudos aqui reunidos trazem muita luz para melhor compreensão dos cânones mais afastados de nós, a iluminar melhor os modelos e os procedimentos adotados.”

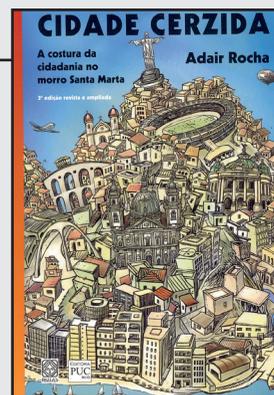
Ricardo Cavaliere é professor associado da Universidade Federal Fluminense, atuando nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras. Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), é membro da Academia Brasileira de Filologia, conselheiro do Real Gabinete Português de Leitura e Grande Benemérito e Conselheiro do Liceu Literário Português. Atualmente, é editor da revista *Confluência*, coordenador do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da Anpoll e membro de várias associações científicas vinculadas aos estudos linguísticos.



CIDADE CERZIDA

Em *Cidade Cerzida – a costura da cidadania do Morro Santa Marta* (Ed. PUC-Rio: Pallas, 2012), Adair Rocha fala sobre a relação entre asfalto e favela sob a ótica dessa

comunidade, ajudando a desmistificar o estereótipo de lugar de violência, criminalidade e tráfico de drogas. Por meio de entrevistas, pesquisas e amparado por uma convivência de mais de 15 anos com moradores do local, o autor mostra como a comunidade vê e interveém na realidade, o papel fundamental desempenhado pelos ativistas na promoção da cidadania no morro e o impacto da implantação da Primeira Unidade de Polícia Pacificadora da cidade. A primeira comunidade pacificada na cidade, hoje conta com um grande fluxo de turistas e com a presença de várias instâncias do poder público, ausentes de lá há décadas. Em sua terceira edição, revista e ampliada, a obra tem prólogo de Itamar Silva, que afirma: “É preciso se restabelecer os conceitos e avançar na afirmação de que não se cresce com a negação do outro, que a cidade é o espaço privilegiado do encontro, e que a cidadania se constrói no respeito às diferenças, na busca de superação das desigualdades e na incorporação do outro como possibilidade de convivência.” O prefácio, assinado por J. Sérgio Leite Lopes, ressalta a importância da reflexão trazida pela obra, no momento em que é sentido como “fundamental para o desenvolvimento democrático da cidade o encaminhamento de soluções para a melhoria das condições de vida materiais simbólicas e de acesso à educação das populações residentes nas favelas.” Adair Rocha, nascido em Pouso Alegre, em 1950, é pós-doutor em Comunicação pela UFRJ. Professor adjunto na PUC-Rio e na UERJ, ambas no Departamento de Comunicação Social, é fundador do Núcleo de Comunicação Comunitária da PUC-Rio. Autor de vários artigos publicados em revistas e jornais, além de capítulos de livros nas áreas de comunicação, cultura e movimentos sociais.



LEQUE ABERTO

Na coletânea *Leque Aberto* (Editora Penalux, 2020), Raquel Naveira reúne 39 crônicas intimistas, divididas em seis capítulos somados ao epílogo. Envolta em brisa poética, reminiscências, lembranças e imagens vão sendo “espalhados pelo leque aberto” pela autora, formando um inventário simbólico através da intercessão de fatos reais com a imaginação literária de Raquel Naveira. No prefácio, a Semioticista e crítica de arte Rita de Cássia Limberti afirma: “Olhando para sua própria imagem, que o traço reflexo apresenta menor e invertida, a personagem assume a poetisa, a escritora, a intelectual atenta e atenta ao seu tempo, a despeito da necessidade do amparo indispensável e impreciso das digressões e da herança ancestral.” Raquel Naveira nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no dia 23 de setembro de 1957. Formou-se em Direito e em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB/MS), onde exerceu o magistério superior, de 1987 a 2006. Doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy, França. Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP, é diretora da União Brasileira de Escritores/Seção SP; pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, à Academia Cristã de Letras de São Paulo e ao Pen Clube do Brasil. É autora de vários livros publicados, entre eles *Abadia* (Imago, 1996) e *Casa de Tecla* (Escrituras, 1999), finalistas do Prêmio Jabuti de Poesia, da CBL.



SOBRE ELA

Com um olhar multidisciplinar sobre o tema, a obra *Sobre Ela: uma história de violência* (Ed. Gryphus, 2020), de Wagner Cinelli de Paula Freitas, trata da violência doméstica contra a mulher. Com especial atenção à cultura, a narrativa expõe, ao longo de 158 páginas, a desigualdade de gênero que marca as sociedades, abordando a evolução legislativa, incluindo programas e políticas públicas desenvolvidas no país. A abordagem interdisciplinar, com domínio e equilíbrio da linguagem, sem focar apenas no contexto jurídico, proporciona, através da clareza na escrita, uma leitura agradável e interessante, com firmeza e sensibilidade na mesma medida. O prefácio, assinado pela juíza e escritora Andréa Pachá, realça a inquietação genuína e o olhar íntegro do autor, que se alia a todas as mulheres na repulsa à violência irracional e ao machismo, lembrando a todos que não se pode naturalizar a violência contra a mulher a pretexto de compreendê-la como estrutural: “É preciso entender a violência. Transformá-la em texto. Transformá-la em música e clipe musical. Transformá-la em memória e em história. Para que não seja repetida e perpetuada.” A inspiração para o livro do desembargador Wagner Cinelli, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, foi o roteiro do curta-metragem de animação “About Her (Sobre Ela)”, que ele escreveu e dirigiu. Membro do Fórum Permanente de Antropologia e Sociologia Jurídica da EMERJ, mestre em “Criminal Justice Policy” pela LSE (Reino Unido), graduado em Direito pela UFRJ e em Ciências Sociais pela UERJ, Cinelli é autor da obra *Espaço Urbano e Criminalidade: lições da Escola de Chicago*, vencedora do VI Concurso de Monografias Jurídicas. Além da bem-sucedida carreira na magistratura, é também compositor e instrumentista. Estudou piano e violão, produziu o vinil do grupo “Hein?” (1984), lançou o CD autoral Wagner Cinelli Instrumental (2004), o DVD Caminhos (2011) e o CD livro Shalom Salam (2012).



Taças

Por Raquel Naveira*

O antigo móvel envidraçado da sala guarda ainda um conjunto de taças de cristal. São lindas essas copas! Algumas maiores, bojudas, outras compridas e altas. Transparentes, de areia e chumbo diluídos, soltam um som agudo ao estalar dos dedos. O desenho impresso nessa matéria delicada é o de uma flor de lótus, um lírio aquático de oito harmoniosas pétalas. Taças prontas para receber vinhos e espumantes.

Limpo cada uma delas com um pano de linho branco encharcado de álcool. Acarício como se fosse derramar em cada recipiente algum elixir que provocasse revelações. Como se fossem cálices preparados para a comunhão na adoração e no amor.

Foi assim no dia de nosso casamento. Bebemos da mesma taça, do mesmo destino. Juramos fidelidade. Acreditamos em bênção, em união e sacrifício. Havia um plano de salvação para nós e era perfeito. Brindamos com champanhe e magia.

No futuro, que está por vir, anjos descerão à Terra com taças douradas, cada uma delas contendo a ira de Deus. A primeira despejará um líquido ácido, que fará com que se abram feridas naqueles que estiverem marcados pela culpa de seus assassinatos. A segunda transformará o mar em sangue, as criaturas marítimas mergulhadas em ondas de petróleo, os estômagos repletos de plástico. A terceira tingirá os rios e

as fontes doces, onde o fogo já lambeu os biomas, destruiu os pássaros nos ninhos e os ovos de tartarugas e jacarés. A quarta atingirá o sol, que desprenderá raios de fogo vermelhos e violetas, petrificando os seres viventes de medo e pavor, enquanto ardem espalhando cinzas. A quinta atingirá o centro diabólico do governo, as cadeiras onde se assentam os mandantes de um mundo escuro e agônico. A sexta secará as trilhas do Oriente, por onde marcharão reis, profetas e califas conduzidos a um vale, a um cenário de guerra nuclear e explosiva. Da sétima taça, brotarão relâmpagos, trovões e um terremoto fracionará as cidades, as nações, as ilhas, as montanhas, em mil pedaços de granizo que cairão como chuva.

Numa superfície gelada, de vidro, anjos e homens cantarão agradecendo os atos de justiça. Esses homens, subitamente, terão corpos capazes de atravessar paredes; de viajar no espaço por sobre as bocas dos vulcões; de se alimentar de peixes prateados, ao redor de fogueiras acesas na memória.

Quem nesse momento continuará se rebelando, desprezando tão altos desígnios? Quem desejará a aflição no meio de uma natureza destruída, contaminada pelos nevoeiros de peste e infecção? Só mesmo as feras, os loucos, os de coração mais duro que as penhas.

Guardo uma a uma as taças na cristaleira. Uma estranha intuição me diz que os anjos se aproximam, num rufar de asas. Sinto uma dor fina. Meu coração tine como uma taça no peito.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

O anedotário entre os registros da academia

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

O humor é uma forma de Literatura. Seja que elastizemos o conceito, incluindo aí charges e cartoons, seja restringindo-nos ao sentido mais literal do termo, quando então estaremos nos ocupando dos anedotários como repositório literário.

No primeiro caso, lembremos o *Lesgens de justice*, de Honoré Daumier, coleção de charges publicadas entre 1845 e 1848, retratando de maneira satírica o antigo sistema judicial francês. No segundo, as *Historiettes*, de Tallemant dês Reaux, ou *Memórias* para servir à História do século XVII, uma coleção de fatos em forma de retratos, notícias e pequenos ensaios, a nos lembrar que, dentre os acontecimentos históricos, a distância a separar o trivial do essencial é bem menor do que à primeira vista possa parecer.

Arriscando-me a melindrar profissionais do ofício, considero que os anedotários, a depender da intenção do autor (e, naturalmente do seu talento), podem constituir-se numa forma de escrever História; e mais, que a busca do inusitado, do desconcertante, do risível, enfim, de uma situação ou de um acontecimento, constitui-se numa abordagem possível do fato histórico. E aqui, atento a tendência que ultimamente vem impondo um estilo mais narrativo à escrita da História, podemos ter o anedotário na conta de obra literária de preocupação histórica, na medida que se utiliza de fatos necessariamente acontecidos.

Dentre os registros históricos da Academia Brasileira de Letras, ocupam lugar de destaque os repositórios recolhidos pelo acadêmico Josué Montelo nos seus *Pequeno Anedotário da Academia Brasileira*

de Letras (1961), posteriormente reeditado, em edição aumentada, como *Anedotário Geral da Academia Brasileira* (1973), e *Na Casa dos Quarenta* (1967). Se o perfil literário do autor de *Tambores de São Luiz* dispensa comentários, lembremos ter sido Montello dos principais, se não o mais destacado, historiador da Casa de Machado de Assis. Tendo presidido a instituição, cuidou de levantar-lhe dados pertinentes à memória institucional, valendo lembrar suas *Primeiras notícias da Academia Brasileira de Letras* (1997) e *A Academia Brasileira entre o Silogeu e o Petit Trianon* (1997).

Mas em paralelo à memória institucional propriamente, Montello “dá vida” às personagens que fizeram a história da casa. Recolheu casos e chistes que lhes relembram o caráter e a personalidade, trazendo-os de volta. Como esclarece na introdução ao *Na Casa dos Quarenta*: “animou-me a suposição de que, na urdidura de seus relatos, se delineiam perfis humanos, alguns dos quais somente subsistirão ao longo do tempo na evocação risonha da *petite histoire*.” Colha-se do registro de fato que dá pista sobre o estranhamento entre Oliveira Lima e o Barão do Rio Branco: este convida o primeiro para passearem na Rua do Ouvidor, e, respondendo à curiosidade de Oliveira Lima, acrescenta, sarcástico, “quero que todo mundo veja que o senhor é mais gordo do que eu” (p. 103).

Não há dúvida de que para o público em geral esse tipo de material, ou de abordagem, torna mais atrativo o interessar-se pela memória institucional de uma organização. No caso da Academia, o trabalho de Montello aproveita não só a memória das grandes personalidades literárias nacionais como, em última análise, a da própria Casa de Machado de Assis.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Nélida em águas profundas

Por Antônio Torres*

Ela é uma colecionadora de prêmios, nos dois lados do Atlântico – de alguns dos mais importantes do Brasil, ao Juan Rulfo, do México (o de maior repercussão continental), ao Vergílio Ferreira, de Portugal, e o Príncipe de Astúrias, no qual desbancou uns trinta e tantos nomes mundiais que estavam na lista dos premiáveis, entre eles o norte-americano Paul Auster e o israelense Amos Oz.

E mais e mais: no Chile, Colômbia, Estados Unidos...

Traduzida em mais de 30 países, Nélida tem passado com louvor pelo crivo de sumidades internacionais como o vencedor do Prêmio Camões de 1990, Eduardo Lourenço, autor de *O Labirinto da Saudade: psicanálise mítica do destino português*, que dela disse: “Estamos perante uma das grandes escritoras da América Latina e a maior escritora brasileira viva.”

O mexicano Octavio Paz, Prêmio Nobel de 1990, não deixou por menos: “O Brasil é a terra de uma das mais admiráveis romancistas da América Latina: Nélida Piñon.” Ao que outro nobelizado, Mário Vargas Llosa, acrescentou: “Nélida é uma das pessoas mais encantadoras que já conheci, não apenas uma escritora muito fina, mas uma mulher extraordinária.”

Também não lhe pouparam louvores:

Carlos Fuentes, os críticos do *Le Monde*, do *ABC* – de Madri -, da revista *Publishers Weekly*, dos jornais *The New York Times* e *Washington Post*, para quem a carioca de origem galega Nélida Piñon “é uma romancista de inquestionável estatura internacional”. E mais e mais.

Isso para pinçar apenas algumas high lights da sua fortuna crítica, sem deixar de fora



as de um conceituadíssimo escritor brasileiro, Alberto Mussa, que, no prefácio à edição comemorativa dos 30 anos do monumental *A República dos Sonhos* (Editora Record, 2015), destacou a grande marca estilística de Nélida, “o que a irmana e simultaneamente a distingue numa longa e antiga fila de escritores primais, subversores de idiomas, criadores de linguagens, sejam de matriz popular ou erudita”.

Obra gigantesca, tanto em tamanho (mais de 700 páginas) quanto em significação, definida por Mussa como “esplêndida”, *A República dos sonhos* figurou, no ano 2000, num balanço do jornal *El País*, de Montevideu, entre os 5 melhores romances americanos do século XX, ao lado de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, *Cem anos de solidão*, de García Márquez, *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo e *O Som e a Fúria*, de William Faulkner.

Sim, estamos falando de um dos altíssimos pontos da extensa e diversificada bibliografia da romancista, contista, ensaísta e igualmente brilhante conferencista Nélida Piñon, que desde a sua estreia literária, em 1961, com *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, dedica a sua vida à literatura, de forma obstinada.

Ei-la em plena forma, aos 83 anos:

— *Um Dia Chegarei a Sagres*. E na condição de herdeiro do rei – eis aí o mantra do protagonista da história, o plebeu Mateus, um personagem do século XIX que, nas suas aventuras e desventuras, do extremo Norte ao extremo Sul de Portugal, é levado à fronteira da nostalgia do glorioso passado de um país de conquistadores dos mares, desde o pai da pátria, o infante D. Afonso Henriques, tendo aos ouvidos a heroica poesia de Camões, e cruzando com “cortejos de miseráveis na esteira de uma monarquia que devia trono e fortuna ao seu povo”.

Para dizer o mínimo:

Um Dia Chegarei a Sagres é um primor de narrativa, num texto cadenciado, luminoso, deslumbrante, que torna a última flor do Lácio ainda mais encantadora, além de coroar plenamente a poderosa trajetória literária de Nélida Piñon, outra vez a mergulhar nas águas profundas do romance com um fôlego impressionante, levando-nos à travessia de suas 510 páginas sem pestanejar.

*Antônio Torres é membro da Academia Brasileira de Letras.

No Albamar, outrora

Por Danilo Gomes*

(A Fabio de Sousa Coutinho, escritor, carioca e tricolor.)

“A maior fascinação das ilhas sedutoras é serem desabitadas. Lá só moram as gaiotas, os trinta-réis, as aves limpas do mar. E quem ali aportar respira com a liberdade aliviada de um Robinson, prova a bem-aventurança da solidão. (...) Céu azul, brisa mansa, o mar está chamando.” (Vivaldo Coaracy, na crônica “Jurubahybas”)

Numa de minhas inúmeras viagens à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, fui duas ou três vezes almoçar no velho restaurante Albamar, bastante conhecido e até famoso. Mas isso foi há muito tempo, quando eu fazia pesquisas para meus livros *Uma Rua Chamada Ouvidor* (1980) e *Antigos cafés do Rio de Janeiro* (1989).

Situado na Praça Marechal Âncora, 184, no Centro histórico, próximo à Praça propriamente dito, é quase centenário, pois funciona desde 1933. Na verdade, é a última construção que sobrou do antigo Mercado Municipal do Rio de Janeiro.

A torre em que está instalado o Albamar é uma das quatro que guardavam o imponente Mercado. Com a central, mais alta, eram cinco torres. Mais de 20 mil metros quadrados davam guarida a 16 ruas internas e centenas de lojas, sob uma estrutura de ferro importada da Europa e demolida na década de 1950. A torre do Albamar escapou à fúria da demolição (para dar lugar ao Viaduto da Perimetral). E só escapou graças à influência política do proprietário e fundador do restaurante, o poderoso empresário Rodolfo Souza Dantas. É o tal negócio: quem tem padrinho não morre pagão; nem paga o pato.

Pois bem, pois muito que bem. Devo acrescentar que o salão do restaurante ganhou uma repaginada nos últimos anos. No “meu tempo”, o restaurante era um tanto rústico, posto que distinto. Estava atravessando uma temporada de baixa. Mas o torreão continuava firme, como na época áurea, em que alguns fregueses da casa eram Getúlio Vargas, Carmen Miranda, Carlos Lacerda, Mário Lago, Juscelino Kubitschek, o poeta e memorialista Augusto Frederico Schmidt, o cronista e compositor Antônio Maria, o poeta Vinicius de Moraes, o professor e escritor Arnaldo Niskier, o maestro soberano Tom Jobim, o romancista José Lins do Rego e o escritor Rui Lima do Nascimento (amigos e ambos ligados à cúpula dirigente do Flamengo; Rui, primo de Jorge Amado, mora há anos em Brasília, no Lago Norte).

Naqueles áureos tempos, o ambiente do Albamar era seu tanto sofisticado e, ao mesmo tempo, informal, como o de alguns restaurantes e grutas de peixes e frutos do mar do Arco do Teles, perto dali. Desde 2010, o Albamar é comandado pelo chef Luiz Incao, que, com sócios e muita dificuldade, reergueu a casa, dando-lhe condições de maior conforto, sem perda do antigo charme. Ele trabalhou por 18 anos na cozinha do icônico hotel Copacabana Palace. Por certo fez ali seu “Cordon Bleu”, seu doutorado em culinária de primeira linha.

Outra figura ilustre da casa é o garçom José Sousa Nóvoa, conhecido por Pepe. Ele ali trabalha há mais de meio século. Galego, com um resquício de sotaque espanhol, Pepe tornou-se um carioca de coração e é fervoroso torcedor do Fluminense. Ele anota os pedidos dos fregueses com uma caneta tricolor (ele exclama, risonho: “Veja que linda!”).

O Albamar é conhecido pelos pratos à base de peixes e por um menu de receitas antigas, como a rã à provençal e o haddock ao leite de coco, bem como o Arroz Maru (arroz, bróco-

lis, lula picada, polvo picado, cherne, camarões, mexilhões, queijo ralado, alho, cebola, tomate, azeite). Esse Arroz Maru é uma ancestral receita japonesa de muito sucesso.

No “meu tempo” (como dizem os velhotes), quase 50 anos atrás, o Albamar era mais simples e frugal, posto que elegante, distinto, como eu disse. Eu gostava de pedir uma mariscada, como aquelas dos restaurantes e grutas lusitanos do Arco do Teles, do Largo do Machado ou da Rua da Conceição.

Em 1967, a Editora do Autor publicou o livro *Guanabara*, na sua série Brasil, Terra & Alma. Os textos de vários autores foram selecionados por Marques Rebêlo, da Academia Brasileira de Letras. No livro, estão o Rio, sua História e suas histórias. No Apêndice, encontramos Seis roteiros turísticos. Há indicações preciosas, mas não se menciona explicitamente o nome de nenhum estabelecimento comercial, para evitar maledicências e disse me disse.

Assim, na pág. 206, vamos encontrar o seguinte: “Almoçar nos restaurantes portugueses da Rua da Conceição ou nos restaurantes árabes das ruas da Alfândega e Senhor dos Passos. Após o almoço, encaminhar-se para o Largo da Carioca e visitar a Igreja e o Convento de Santo Antônio, a Igreja de São Francisco da Penitência e, perto, na Avenida Rio Branco, o Museu Nacional de Belas Artes.”

E, na pág. 208, o ponto que aqui nos interessa: “Almoçar nas proximidades do Museu da Imagem e do Som, onde há um restaurante especializado em peixes e frutos do mar e que funciona em edificação remanescente do antigo Mercado Municipal, à beira do cais. Depois do almoço, visitar o Museu Histórico Nacional.”

Qualquer Sherlock Holmes de botequim desvende esse “mistério da beira do cais”: o “restaurante especializado” não é outro senão o célebre Albamar. Charada fácil, para iniciantes e novatos...

Para encerrar esta breve viagem turístico-gastronômica, um trecho que colho na pág. 78 do livro *Guia de Roteiros do Rio Antigo*, de Berenice Seara (assim mesmo: Seara), de *O Globo*, 2004, 2ª ed., 208 págs.: “Depois da caminhada, uma pausa para descanso no restaurante Albamar, no centro da Praça Marechal Âncora. O Albamar é o único remanescente do antigo Mercado da Praça Quinze, construído em 1908 em estrutura metálica fabricada na Inglaterra e na Bélgica, com 22,5 mil metros quadrados e 24 metros de altura, que foi demolido para a construção do Elevado da Perimetral. O restaurante, que ocupava um dos cinco torreões do mercado desde 1933, foi o único que sobreviveu ao desmonte. De lá tem-se uma admirável vista da Baía de Guanabara.”

De fato, uma linda, esplendorosa vista. Enquanto almoçava, eu podia contemplar a beleza do mar, com as históricas e heroicas barcas da Cantareira indo para Niterói ou para a Ilha de Paquetá ou de lá regressando, lentamente, como “velhas tartarugas”, no dizer brincalhão de Vivaldo Coaracy. As barcas pertencem à C.C.V.F., ou seja, Companhia Cantareira de Viação Fluminense. Freguês constante daquelas barcas era o cronista e historiador carioca Vivaldo Coaracy (1882- 1967), que, desde 1945, morava em Paquetá, seu refúgio e paraíso. Lá, ele era quase vizinho e muito amigo de Rachel de Queiroz e seu segundo marido, o médico Dr. Oyama Macedo. O casal então morava na Ilha do Governador. Em Paquetá, morreu Vivaldo Coaracy, que foi pai de Dagmar e Ada Maria. É ele um de meus cronistas e memorialistas preferidos e hoje repousa no limbo da memória nacional, lamentavelmente. Está tão no ostracismo que uma pesquisa no Google nos fornece alguns dados sobre ele, mas, em lugar de seu retrato, está o retrato de Dostoiévski. Poderiam divulgar ao menos o magnífico retrato dele em bico de pena, feito pelo talentoso Luís Jardim e que está no pórtico de alguns de seus livros.

Voltemos ao restaurante Albamar, que hoje mudou de nome, mantendo a alta qualidade de seu cardápio. Agora, ele se denomina Ancoramamar. Volta ao passado. Regresso ao “meu tempo” de Rio de Janeiro. Uma brisa marinha suave e boa entrava pelas amplas janelas do Albamar, com vista para a maravilhosa Baía de Guanabara...

*Danilo Gomes é da Academia Mineira de Letras.

A exuberância visual de Beatriz Milhazes

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

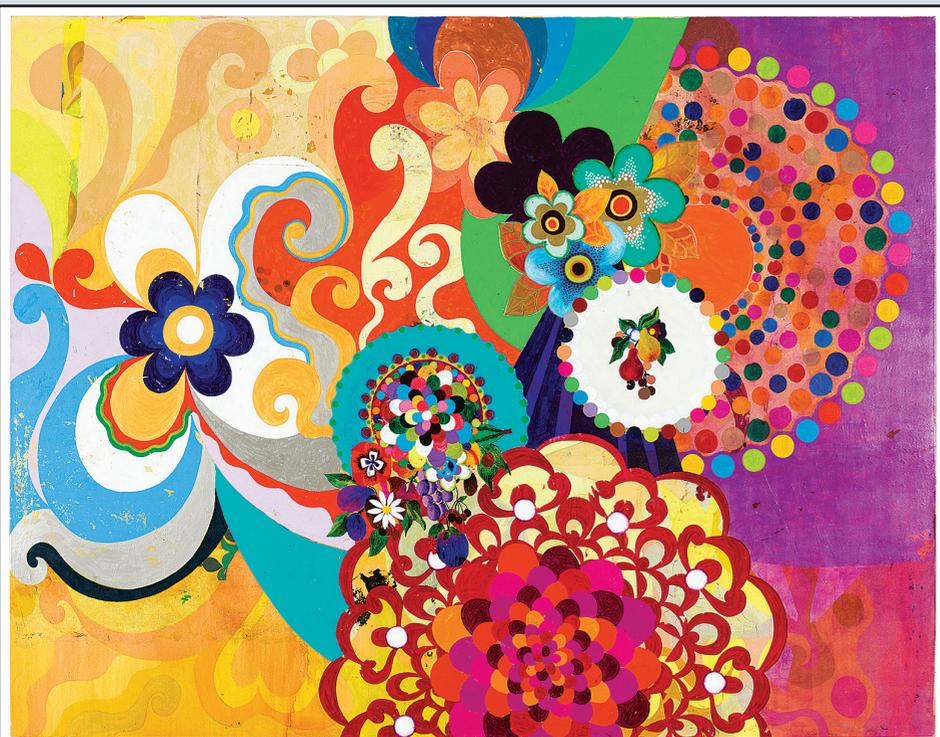
Fotos: Divulgação

Está em cartaz até o dia 30 de maio a maior exposição da carreira de Beatriz Milhazes, no Itaú Cultural e no Masp, de São Paulo. A parceria entre as duas instituições vizinhas permitiu que “Avenida Paulista” exiba cerca de 170 obras, através das quais o público poderá conhecer e percorrer a trajetória profissional da artista plástica, em um arco temporal de produção que segue de 1989 a 2020.

A retrospectiva apresenta uma ampla seleção de pinturas, gravuras, colagens e obras tridimensionais, além de trabalhos inéditos realizados em parceria com a coreógrafa Márcia Milhazes, irmã da artista.

Figuras geométricas, cores saturadas, arabescos, mandalas e alguns elementos são recorrentes nos trabalhos, tais como flores, rosáceas e volutas, com os quais a artista diz ter uma relação espontânea: “Meu trabalho é muito racional, o encaixe e a construção partem de lógicas variadas”, afirma, acrescentando: “Acho, inclusive, que desenvolvi uma nova maneira de pensar a geometria, que não só quadrados, retângulos e círculos. Há a questão do sonho atrelada à criação de uma lógica.”

A artista produz uma quantidade limitada de trabalhos por ano, o que costuma gerar uma longa lista de espera. Sua obra bateu duas vezes o recorde em leilões internacionais: em 2009, teve uma tela arrematada por 2,6 milhões de reais. Em 2012, “Meu Limão” foi vendido por 10 milhões de reais, em um leilão da Sotheby’s, tomando para si o recorde de uma artista brasileira viva. Em 2016, Beatriz quase bateu sua própria marca, ao ter “Summer Love – Gamboa Seasons” (2010) negociada por 22 milhões de reais na SP-Arte.



Meu Limão (2000): tela que deu a Beatriz o recorde de obra mais cara já vendida por uma artista brasileira viva foi leiloada por cerca de 10 milhões de reais, na Sotheby’s, em 2012.

Por trás das formas sedutoras desta “carnavalesca conceitual”, como ela mesma se define, há um pensamento extremamente racional, explicado em sua origem. Artista viva mais cara do país, antes de se tornar uma das mais bem sucedidas da sua geração, a carioca foi professora de matemática. Deu aulas para jovens dos 21 aos 26 anos, na mesma época em que frequentava a Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Outra característica de sua produção é a forma como conjuga, sem criar hierarquias, a explosão de cores do carnaval carioca e as pinturas faciais da etnia indígena Kadiwéu com a história da arte ocidental, com destaque para o período barroco e a influência de artistas como Henri Matisse (1869-1954) e Tarsila do Amaral (1886-1973).

Nascida no Rio de Janeiro em 1960, Beatriz Milhazes se formou em Comunicação Social pela Faculdade Hélio Alonso, em 1981, e em Artes Plásticas pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em 1983. Participou de várias exposições que caracterizam a Geração 80 – grupo que, pela pesquisa de novas técnicas e materiais, produziu pinturas avessas à vertente conceitual dos anos 1970.

A colagem é parte importante da construção de suas imagens e aparece com o uso de materiais diversos, como papéis (de bala, coloridos) e tecidos recortados (chitão). Com experimentação em monotipia, Milhazes desenvolveu sua técnica de construção da pintura baseada na colagem, criando os motivos em filmes plásticos e transferindo-os para a tela quando secos. A artista pode, então, criar os próprios elementos a serem usados nas pinturas.



Cabeça de Mulher (1996): serigrafia com círculos e arabescos.

De 1995 a 1996, estudou gravura em metal e linóleo, no Atelier 78. As obras dessa época revelam sensibilidade no uso da cor. Desde os anos 1990, Milhazes se destaca em mostras internacionais nos Estados Unidos e na Europa.

Frequentemente trabalhando com formas circulares, sugere deslocamentos ora concêntricos, ora expansivos. A transferência de imagens da superfície lisa, pelo uso de película plástica para a tela faz com que a gestualidade seja quase anulada. A matéria pictórica obtida por numerosas sobreposições não apresenta espessura. Os motivos de ornamentação e arabescos são colocados em primeiro plano. O olhar do espectador é levado a percorrer todas as imagens, acompanhando a exuberância gráfica e cromática dos quadros.

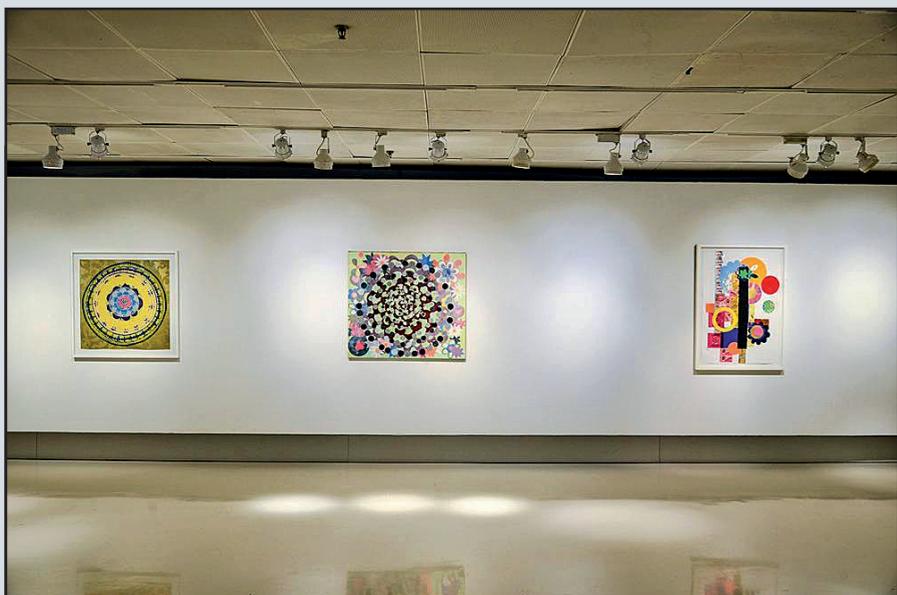
Na opinião do crítico Frederico Moraes (1936), Beatriz Milhazes revela, desde o início da carreira, a vontade de enfrentar a pintura como fato decorativo, aproximando-se da obra de artistas como Henri Matisse: “Ela se interessa pela profusão da ornamentação barroca, sobretudo pelo uso de arabescos e motivos ornamentais da obra de

Guignard (1896-1962). Característica importante no trabalho da artista é o uso da cor: enquanto a profundidade é criada pela sobreposição e pelo acúmulo de motivos, a cor aparece de forma inesperada, criando uma harmonia pelos contrastes que desafiam os limites da imagem. Assim como Matisse, não existe uma hierarquia entre desenho, pintura, cor e forma”.

A pintora, gravadora e colagista explora diferentes técnicas e materiais, experimentando as potencialidades da escultura. Sua obra se caracteriza pelo intenso dinamismo óptico.

No Itaú Cultural (IC), com curadoria assinada por Ivo Mesquita, a exposição ocupa três andares da sede, com a exibição de 80 obras, sendo três delas, inéditas: “Havaí em amarelo vibrante”, “Cor de pele” e “Giro horizontal”. Entre colagens e gravuras, o público poderá conferir um minidocumentário sobre a obra da artista, realizado pelo Núcleo de Audiovisual e Literatura do Itaú Cultural. A peça “Dovetail”, a maior e última gravura produzida pela artista até agora, com quase dois metros de comprimento, é um dos destaques, sendo um claro exemplo do desdobramento do trabalho de Beatriz entre as diversas linguagens artísticas.

“Avenida Paulista” é também o nome de uma obra que a artista realizou especialmente para ser exibida no Masp, que traz um panorama das pinturas e obras tridimensionais da artista: “Esta é a maior exposição dedicada a Beatriz Milhazes, possível apenas em razão da colaboração inédita entre duas instituições como o Masp e o Itaú Cultural. A mostra cobre mais de três décadas de sua produção de pinturas, colagens, gravuras, desenhos, têxteis, bem como amplo material documental. Nesse sentido, é uma oportunidade verdadeiramente única para se conhecer e compreender o trabalho dessa que é uma das principais artistas brasileiras vivas, com uma obra já amplamente consolidada no panorama internacional”, afirma Adriano Pedrosa, curador da exposição no Masp, com assistência de Amanda Carneiro.



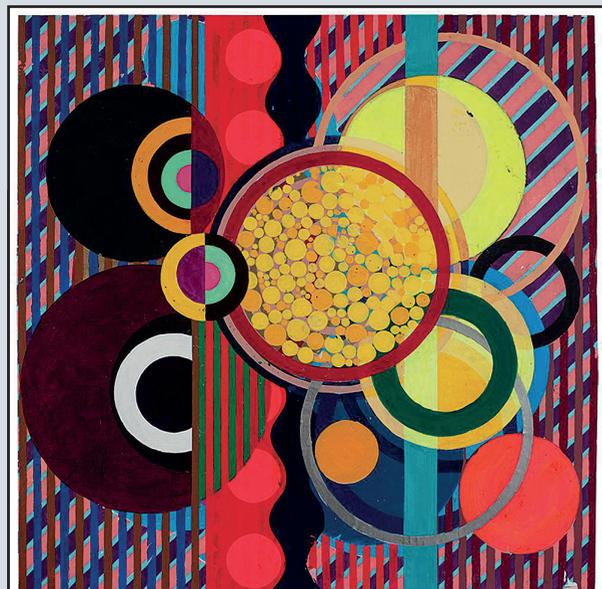
Tela “Avenida Paulista” (2020), que dá nome à maior mostra retrospectiva de Beatriz Milhazes no país.



Um dos ambientes da exposição no Itaú Cultural: gravuras e colagens distribuídas em três pisos. O rigor matemático e a exuberância visual se unem na obra de Beatriz Milhazes, uma das artistas plásticas mais bem-sucedidas de sua geração.



O Balarino (2019): Na pintura de 2 metros de altura e 2,5 de largura, uma espécie de Kandinsky tropical, o adorno barroco brinca com a geometria em favor da botânica.



Belezinha (2011): No Masp, formas fundidas convidam o visitante a confundir primeiro, segundo e outros planos.



O Buda (2010), coleção Rose e Alfredo Setubal, São Paulo.



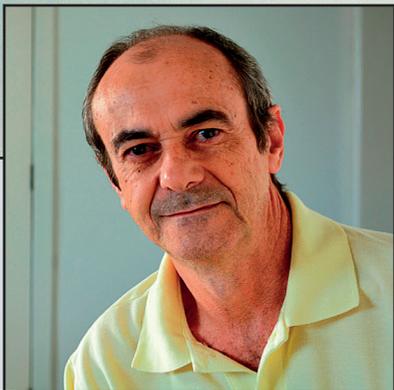
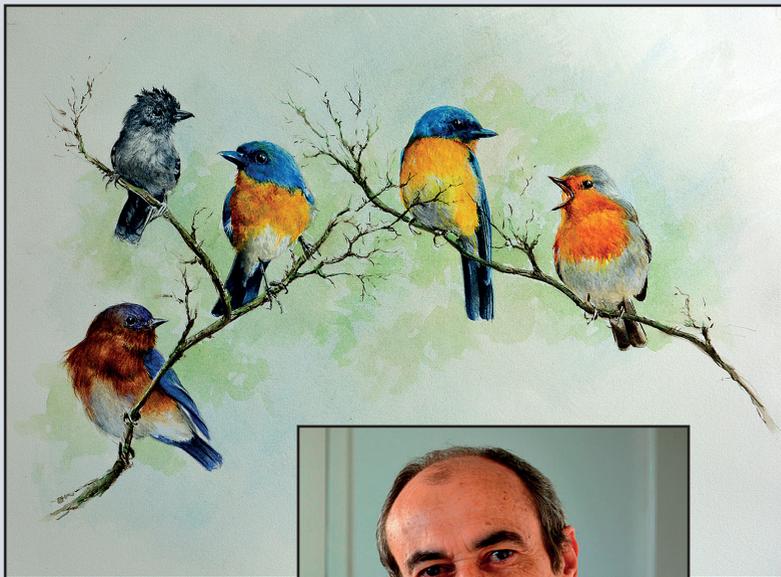
Carioca (2006): Única tapeçaria exibida, de 4 metros quadrados, combina rosáceas, ornamentos que estilizam pétalas de flores e eram bastante presentes na arquitetura gótica.

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

A esperança nos acompanha

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Parece que o novo ano ainda não começou e as notícias continuam a nos dizer que estamos vivendo a continuação de 2020. Vamos persistir com as mensagens de afeto e esperança para 2021. Que elas animem os nossos dias.



Fiz esses pássaros por entender que a melhor imagem de cuidado, afeto, leveza está nesses seres coloridos. Como se não bastasse, eles ainda cantam! – **Walter Lara**



O Natal e o Ano Novo não foram iguais aos do passado, com família e amigos reunidos. Mas o sentimento está renovado: comunhão, empatia, paz, nascimento, vida. E que agora, em 2021, a vacina chegue para todos e a democracia e a liberdade prevaleçam. – **Luciana Sandroni**

Saudações, caros leitores. 2020 foi um período de gestação e em 2021 todos os nossos projetos e sonhos vão florescer. Muita saúde, paz, amor e realizações. São os meus votos sinceros. – **Eduardo Spohr**



2020 foi tão pesado que só nos resta desejar leveza pra 2021. Leveza e vacina, claro! – **Leonardo Neto**



*Quatro anos
De dentro do carro, na frente da casa dos avós,
emburrada porque o pai disse que não descesse,
mandava beijos sem convicção.*

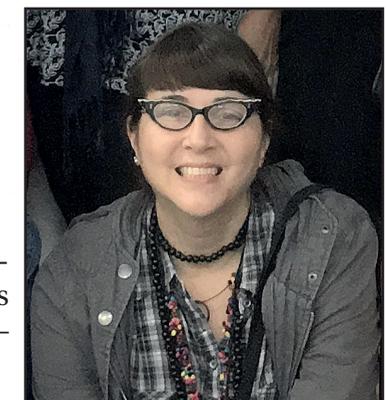
*Lá de dentro veio o pote de sorvete, foi para o banco da frente.
Ali dentro, tudo que ela perdia,
Tudo o que podia ganhar, mesmo na perda.
Baixou de repente a máscara, levou os dedos aos lábios,
Pôs os beijos na ponta deles, na pontinha,
E soprou.*

*(Parece que de repente nossas infâncias se vão, todas de uma vez. Não permita.)
Em 2021, faça de novo, quatro anos.*

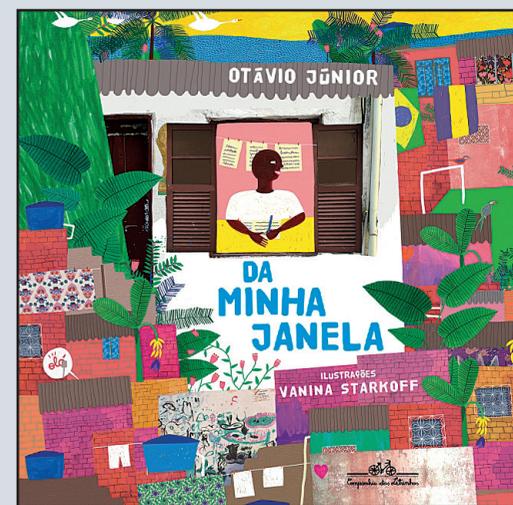
Nilma Lacerda



Desejo para 2021 que a nossa imaginação voe e que em breve possamos estar juntos, aglomerados e felizes. – **Cris Alhadeff**



O Prêmio Jabuti de Literatura Infantil premiou Otávio Júnior (o querido Livreiro do Alemão), com a obra *Da minha janela* (Cia das Letrinhas – ilustrações de Vanina Starkoff). Poesia colorida como um belo samba-canção com a favela de enredo. Otávio Júnior reuniu a paisagem da sua janela neste livro, cheio de cores, gente, dores e alegrias, e muito, muito amor!



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



FRANCISCO BUARQUE DE HOLLANDA

Conhecido como Chico Buarque (Rio de Janeiro, 19 de junho de 1944), é músico, dramaturgo, escritor e ator brasileiro. Sua discografia conta com aproximadamente oitenta discos. Escreveu seu primeiro conto aos

18 anos. Ganhou destaque como cantor a partir de 1966, quando venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música *A Banda*. Autoexilou-se na Itália em 1969, devido à repressão do regime militar do Brasil, tornando-se, ao retornar, em 1970, um dos artistas mais ativos na crítica e na luta pela democratização no país. Em 1971, foi lançado *Construção*, e em 1976, *Meus Caros Amigos*. Além da notabilidade como músico, desenvolveu vasta carreira literária, sendo autor de peças teatrais e romances. Foi vencedor de três Prêmios Jabuti: o de melhor romance em 1992 com *Estorvo* e o de *Livro do Ano*, tanto pelo livro *Budapeste*, lançado em 2004, como por *Leite Derramado*, em 2010. Em 2019, foi distinguido com o Prêmio Camões, o principal troféu literário da língua portuguesa, pelo conjunto da obra. Neto de Cristóvão Buarque de Hollanda e filho de Sérgio Buarque de Hollanda e Maria Amélia Cesário Alvim, Chico é irmão das cantoras Miúcha, Ana de Hollanda e Cristina. Foi casado por 33 anos (de 1966 a 1999) com a atriz Marieta Severo, com quem teve três filhas, Sílvia Buarque, Helena e Luísa. Livros: 1974: *Fazenda Modelo*; 1979: *Chapeuzinho Amarelo*; 1981: *A Borda do Rui Barbosa* (ilustrações de Vallandro Keating); 1991: *Estorvo* (primeiro romance); 1995: *Benjamim*; 2003: *Budapeste*; 2009: *Leite Derramado*; 2014: *O Irmão Alemão*; 2019: *Essa Gente* (romance).

acervo JL



EVA FURNARI

(Roma, 15 de novembro de 1948) é uma ilustradora e escritora ítalo-brasileira. Sua família mudou-se para o Brasil em 1950, quando Eva tinha dois anos. Cresceu na nova pátria, formando-se em Arquitetura pela Usp, e a partir de 1976 dedicou-se inicialmente a livros com ilustrações, sem texto. Como autora infanto-juvenil e como ilustradora recebeu o Prêmio Jabuti, nos anos de 1986, 1991, 1993, 1995, 1998 e 2006. Em 2004 foi escolhida para ilustrar a reedição de seis livros da obra infantil de Érico Veríssimo. A obra de Furnari, composta essencialmente de pequenos livros, é uma das mais profícuas na Literatura infantil brasileira atual. Como a própria autora revelou, numa entrevista, a ilustração precedeu a produção literária - mas foi nesta última que veio efetivamente a se destacar. Agora em 2019, completa 70 anos e pretende não parar nunca. Algumas obras: *O segredo do violinista*, Ática, São Paulo; Coleção Peixe Vivo, Ática: *Cabra-cega*; *De vez em quando*; *Esconde-esconde*; *Todo dia*; *Bruixinha atrapalhada*, Global; *O que é, o que é?*, Paulus editora; *Violeta e Roxo*, Quinteto editorial, 1984, *Quer Brincar?*, FTD, 1986; *Caça-fumaça*, Paulinas, 1992; *O amigo da Bruixinha*, Moderna, 1994; *Cocô de passarinho*, Cia das Letrinhas, 1998; *Anjinho*, Ática, 1998; *Nós*, Global, 1999; Coleção Piririca da Serra, editora Ática; *A Bruxa Zelda e os 80 Docinhos*, 1994; *O Feitiço do Sapo*, 1995; *Mundrackz*, 1996; *Operação Risoto*, 1999. Coleção Aveso da Gente, Moderna Editora, 2000: *Abaixo das canelas*; *Loló Barnabé*; *Pandolfo Bereba*; *Umbigo indiscreto*, entre outros.

acervo JL



MARCELINO JUVÊNCIO FREIRE

(Sertânia, 20 de março de 1967) é um escritor brasileiro. Nascido em Sertânia, no estado de Pernambuco, mudou-se com a família para Paulo Afonso, Bahia, em 1969. Voltou para Recife, onde fez teatro. Em 1981, escreve os

primeiros textos do gênero e participa do grupo Poetas Humanos, fundamental para sua formação artística. Ao longo da década de 1980, trabalha como bancário e inicia o curso de Letras na Universidade Católica de Pernambuco, sem concluí-lo. Em 1989, frequentou a oficina literária do escritor Raimundo Carrero e, dois anos depois, é premiado pelo governo do Estado de Pernambuco. Decide mudar-se para a cidade de São Paulo em 1991 e publica, de forma independente, seus dois primeiros livros: *AcRústico*, de 1995 e *EraOdito*, de 1998. Em 2000, publica o livro de contos *Angu de Sangue*. Em 2002, Marcelino idealizou e editou a Coleção *5 Minutinhos*, inaugurando com ela o selo era OditoeDito. Livros publicados: *EraOdito* (aforismos, 2ª edição, 2002); *Angu de Sangue* (contos, Ateliê Editorial, 2000); *Balé Ralé* (contos, Ateliê Editorial, 2003); *Contos Negreiros* (contos, Editora Record, 2005); *Amar é crime* (contos, Editora Edith, 2010); *Nossos ossos* (romance, Editora Record, 2013); *Bagageiro* (ensaios, Editora José Olympio, 2018). Prêmios: Prêmio Machado de Assis, 1º lugar em 2014, na categoria Romance pela obra *Nossos Ossos*; Prêmio Jabuti de Literatura, 1º lugar em 2006, na categoria contos pela obra *Contos Negreiros* (contos, 2005); Prêmio Jabuti de Literatura, finalista em 2014, na categoria romance por *Nossos ossos* (Editora Record, 2013).

FAÇA COMO O SAFRA. INVISTA NO SAFRA.

VOCÊ PODE. Investimentos Safra.

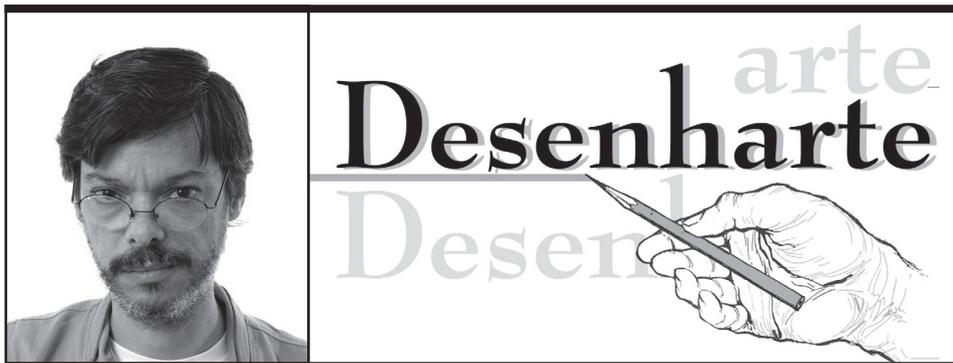
Ter performance e segurança nos seus investimentos e receber uma excelente orientação financeira do mercado. No Safra, você pode.

Safra

Tradição Secular de Segurança

Fale com nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e de fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.



Por Zé Roberto

zrgauna@hotmail.com

CLÁUDIA KFOURI



A artista com as esculturas premiadas de Diego Rivera e Frida Kahlo.

Cláudia Kfourri mora em Ribeirão Preto, interior de São Paulo e, desde sempre, encanta-se com o mundo das artes. Chegou a cursar Desenho Industrial em Bauru, mas não completou. Formou-se em Letras, em São José do Rio Preto e seguiu mestrado em Literatura. Com a experiência das aulas e das pesquisas no universo da literatura e da arte, sentiu-se encorajada a buscar caminhos para trabalhar a palavra e a imagem, e passou a atuar como ilustradora, cartunista e escultora.

Seu primeiro contato com o jornalismo foi em 1994, quando trabalhou por um período fazendo ilustrações e charges para o jornal *Diário da Região*, em São José do Rio Preto; mas seguiu dando aulas e foi, por vários anos, pesquisadora da Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista – VUNESP.

Em 2010, ficou entre os selecionados no concurso da *Folha de S. Paulo* e passou a colaborar como ilustradora, publicando semanalmente neste jornal. Nesse mesmo ano, conquistou o prêmio Câmara, no Salão de Humor de Piracicaba, quando as esculturas de Diego Rivera e Frida Kahlo foram agraciadas, e então começou a ilustrar para revistas e livros infantis.

Surgiram outros prêmios, como a Bienal de Caricatura do Rio de Janeiro, Salão de Humor Sesc Catanduva, Salão de Humor de Ribeirão Preto, Mapa Cultural do Estado de São Paulo, salões de artes plásticas de São José do Rio Preto, entre outros.

No Rio de Janeiro, foi convidada para participar da Bienal Internacional da Caricatura, para a exposição individual *Rian no traço de Cláudia Kfourri*,



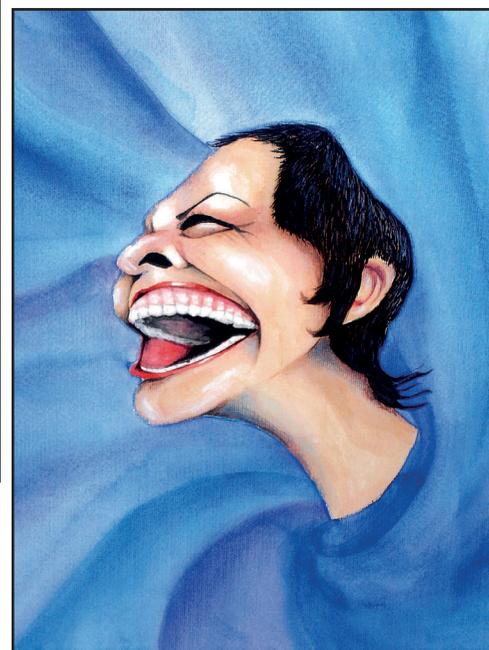
Nair de Teffé numa escultura.



Caricatura de Nair de Teffé.



Elis Regina vista por Cláudia.



Tomie Ohtake por Cláudia Kfourri.

assim como nas homenagens ao cartunista Lan e aos Astros do Cinema. Ainda no Rio, foi selecionada para a exposição/catálogo da mostra *Quem te viu, quem te vê*, em homenagem ao músico Chico Buarque, realizado pelo Instituto Memória Musical Brasileira – IMMUB, em 2019. Em São Paulo, participou do evento *Risadaria*, entre os cartunistas da *Folha de S. Paulo*; fora do Brasil, teve trabalhos expostos na Turquia e na Argentina, no Museo de Humor Gráfico Diógenes Taborda. Em 2018, foi a artista homenageada na exposição *Batom, Lápis & Humor*, vinculada à programação anual do Salão Internacional de Humor de Piracicaba e, em 2019, foi jurada deste mesmo salão, com seus trabalhos expostos na mostra individual *Ora bolhas!*. No mesmo ano, foi convidada para o projeto *Cartunistas Brasileiros*, ensaio fotográfico de Paulo Vitale. A artista teve trabalhos publicados na revista *As Periquitas* (Kalaco Editorial), e participou do livro *Ao Mestre com Carinho – Ziraldo 85* (Editora Melhoramentos), organizado pelo cartunista Edra Amorim e, em 2020, na 1ª edição da revista digital de humor gráfico *Sopapo*, editada por J. Bosco, Waldez Duarte e Marcelo Magon.

Cláudia Kfourri participou das exposições *Ela por Elas – Leila Diniz nos traços das desenhistas brasileiras*, em 2013; *Elas por Elas, as atletas brasileiras por nossas artistas*, em 2016; e *Nair de Teffé, a Primeira Dama da Caricatura*, em março de 2018, todas na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói.

A desenhista pode ser encontrada nas redes sociais nos perfis @claudiakfourri e claudia.kfourri, no Instagram e Facebook respectivamente. Saúde e Arte!

Literatura e diplomacia sob o signo de Machado

Por Antônio Valdemar*

Machado de Assis é inesgotável. Cada geração continua a relê-lo, a redescobri-lo e a encontrar novos motivos de interesse e de investigação. Para Lygia Fagundes Telles é uma fonte que, desde o século XIX, vem fluindo e como que se renovando no enigma estupendo que caracteriza a obra dos gênios”. *O Olhar Pedagógico em Machado de Assis* é o título de um livro de ensaios de Arnaldo Niskier que, a propósito do maior prosador da literatura brasileira, exemplifica que toda a obra machadiana, é “sempre uma lição, mesmo quando não é, exatamente, esse o seu objetivo”. E Antônio Olinto afirmava que Machado de Assis ensinou o Brasil a ser ele mesmo”.

Também Carlos Drummond de Andrade era da opinião que pouco importavam os grandes prêmios literários, inclusive o Nobel. “O Brasil” – insistia Drummond – “possui na sua História um escritor chamado Machado de Assis que representa condignamente não só a capacidade de criação literária como, também, o acrescentamento dos valores literários primordiais”.

As memórias de Lauro Moreira – poeta, escritor, animador cultural e diplomata de carreira – e que acabam de ser publicadas permanecem sob o signo de Machado de Assis. Os seus grandes livros, *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires* permitiram-lhe o aprofundamento das várias dimensões da condição humana e acerca do caráter do povo brasileiro.

REPOSITÓRIO CRÍTICO

A conclusão é óbvia ao terminar a leitura deste livro notável: *Quincasblog: meus encontros* constitui um repositório do que Lauro Moreira viveu e ouviu através do mundo e, também, uma reflexão crítica acerca do presente e das apreensões em torno do futuro. Mas sem deixar de manifestar aquele sinal de esperança que nunca deixa de surgir nos momentos de maior expectativa.

Os altos cargos diplomáticos que Lauro Moreira exerceu, durante décadas, não se limitaram ao cumprimento das exigências oficiais e das rotinas burocráticas. O êxito da sua carreira profissional também resultou do poder de comunicação, da irradiação do entusiasmo e da identificação com os grandes valores culturais e cívicos.

Estas marcas do modo de ser pessoal e intransmissível de Lauro Moreira destacam-se, por exemplo, quando foi nomeado pelo Itamaraty para coordenador das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil e, sobretudo, nos quatro anos que residiu em Lisboa como embaixador do Brasil junto da CPLP.

Conviveu de perto com os grandes intelectuais e artistas, enquanto desempenhava, no dia a dia, a agenda diplomática. Permanece ligado a acontecimentos decisivos. Conseguir viabilizar algumas das realizações possíveis do projeto apresentado por Mário Soares e José Aparecido de Oliveira, na cimeira de Chefes de Estado reunida, em 1989, em São Luís do Maranhão e que ficou a denominar-se *Carta Magna da Lusofonia*.

AS BIENAS DA MALAPOSTA

Organizou espetáculos, conferências e colóquios que dificilmente esquecem. Ele próprio fez recitais. Ele próprio deu voz e deu alma a poetas dos oito países de língua portuguesa. Realizou encontros culturais do Minho ao Algarve, de Trás-os-Montes ao Alentejo. Deslocou-se à Madeira e aos Açores. Esteve em Cabo Verde e na Guiné. Esteve em Angola e Moçambique. Esteve, ainda, em Macau, em Timor e na Índia.

Com o título “Mãos Dadas”, os 85 poemas de 28 poetas, antologados e declamados por Lauro Moreira, ficaram em dois CDs, editados com o apoio da UNESCO e do Instituto Camões. As Bienais de Culturas Lusófonas, no Centro Cultural da Malaposta, durante os mandatos autárquicos da responsabilidade cultural do poeta Mário Máximo na Câmara de Odivelas, constituíram acontecimentos da maior projeção nacional e internacional e elegeram Odivelas, na área metropolitana de Lisboa, como umas das cidades mais lusófonas do mundo.

Entre muitas homenagens que recebeu, Lauro Moreira foi, em 2009, distinguido como “a personalidade lusófona do ano”. Na sessão, em sua homenagem – e na qual participei como um dos oradores – no salão nobre da Academia das Ciências de Lisboa, Mário Soares classificou-o de “embaixador exemplar” e acrescentou que, no âmbito específico da CPLP e depois de José Aparecido de Oliveira, Portugal nunca tivera um embaixador como Lauro Moreira”. Missão exemplarmente cumprida – a própria CPLP também distinguiu, em 2016, Lauro Moreira com o Prêmio José Aparecido de Oliveira.

Além do Machado de Assis romancista, memorialista e contista, há um outro Machado que tem sido um paradigma de Lauro Moreira. É o Machado que, na fundação da Academia Brasileira de Letras, incluiu nas finalidades prioritárias “o desejo de consertar, no meio da federação política a unidade literária”. Esta ideia de federação da língua portuguesa, expressa nos estatutos da ABL, corresponde a um dos propósitos fundamentais da lusofonia.

ESTATUTO DA LUSOFONIA

A língua portuguesa não pode limitar a um veículo de comunicação dos homens entre si. Incorpora a multiplicidade de culturas e tradições de todos os países que fazem parteda CPLP. É a raiz e o suporte da lusofonia. Ao adotar-se qualquer estratégia política para a sua promoção e valorização, terá de existir um projeto de ação comum, mas com o largo entendimento das naturais e evidentes diversidades que integram um todo.

Os países de língua portuguesa que contribuíram para a eleição de António Guterres para as funções que desempenha nas Nações Unidas deverão continuar a exigir-lhe que impulsione os mecanismos institucionais necessários para que a língua portuguesa tenha a mesma equivalência concedida às línguas oficiais praticadas naquele e noutros fóruns internacionais.

Conforme se verifica nos sucessivos capítulos do *Quincasblog: meus encontros*, Lauro Moreira manifesta a vontade política, o imperativo cívico e a ambição cultural para que a língua portuguesa seja uma das principais línguas do mundo, difundida e respeitada em todos os continentes.

Tudo isto, enquanto Lauro Moreira singulariza as diferenças, as identidades e as complementaridades que se deparam nas obras de grandes poetas e de grandes escritores clássicos e contemporâneos que são o patrimônio vivo e o futuro da lusofonia. Mas este livro – com todos os méritos que assinalamos – é, ainda, uma reafirmação da íntima relação e do legado histórico entre a diplomacia e a literatura.

*Antônio Valdemar, sócio efetivo da classe de Letras da Academia de Ciências de Lisboa e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Doutor da bocha

Por Álvaro José Silva*

O jogo de bocha era uma coisa muito séria quando eu ainda não passava de pirralho em São Paulo. E nem pensar em fazer daquilo brincadeira de final de semana para a garotada. Somente adultos devidamente uniformizados, e apenas homens, podiam entrar nas quadras do sagrado “Palácio da Bocha” do Ipê Clube, em São Paulo. Os demais, mulheres ou torcedores, ficavam nas arquibancadas de três degraus, ao lado da lanchonete.

É preciso explicar a bocha: trata-se de modalidade de lazer e esporte de origem italiana. São oito bolas grandes de massa, quatro pretas e quatro vermelhas, e uma pequena, geralmente preta. Cada jogador fica com uma das cores – pode ser uma dupla – e um deles lança a pequena, o “bolim”. A quadra, longa e estreita, é de saibro. Ganha quem conseguir chegar uma, duas, três ou quatro de suas bolas maiores o mais perto possível da pequena. Isso em linhas gerais, porque há muitas regras na atividade.

Papai jogava bocha com seriedade. Todos os sábados e domingos, chovesse ou fizesse sol, saíamos de casa para o clube que ainda hoje existe nas proximidades do Parque do Ibirapuera. Ele já ia paramentado: sapatos brancos, meias brancas, calça e camisa brancas de mangas curtas. No peito, um pequeno escudo bordado com as cores roxa e amarela: “Ipê Clube – Bocha.” O grito de guerra da torcida era: “Sou Ipê roxo!”

Um belo sábado – ou teria sido domingo? – fomos para lá. Eu levava numa espécie de mochila qual guardava meu quimono para treinar judô. Chegamos ao Ipê e papai estacionou o seu amado Chevrolet Belair, 1953, verde musgo em uma das muitas vagas da rua lateral e quase em frente ao portão de entrada.

Descemos. Era um dia comum, de sol. Ou quase. Na portaria, uma senhora chorava. Era funcionária e esposa de um também funcionário, pessoa da qual meu pai gostava. Impossível lembrar os nomes depois de tanto tempo passado.

– O que houve, dona fulana? – perguntou ele.

Ela explicou que o marido começou a sentir dores muito fortes no abdome e tinha sido levado para um pronto-socorro municipal das proximidades. E quanto mais falava sobre o assunto, mais chorava. Meu pai passou nossas coisas para mamãe, disse que iria ver “o que podia fazer” e voltou para o estacionamento. Pegou o carro e saiu em direção ao lugar onde estava ou estaria o empregado do Ipê. Fomos fazer as nossas coisas.

Estacionou o carro onde era possível parar e foi em direção à entrada do pronto-socorro. Na porta, sem notar que a confusão do lado

de dentro era grande, perguntou a um porteiro onde obter informações sobre um paciente. O homem se limitou a mostrar a ele o clichê logo na entrada.

No interior – meu velho pai se lembrou disso por uma boa parte da vida – a situação era caótica. Havia acontecido um acidente de trânsito na região e duas ambulâncias vomitavam feridos, um atrás do outro, naquela emergência. O único médico presente se esforçava para colocar ordem na desordem, ajudado por duas ou três profissionais de enfermagem. Uma delas, a mais desesperada com a situação, viu aquele homem todo de branco no lugar e o agarrou pelo braço:

– Doutor, o senhor caiu do céu! Venha cá.

Antes de poder falar qualquer coisa e nem ao menos obter a informação que iria pedir, o empresário de metalurgia e jogador de bocha nas horas vagas viu-se diante de uma pessoa com fratura exposta numa das pernas, gemendo de dor sobre uma das macas. A enfermeira perguntou:

– Do que o senhor precisa além dos instrumentos que estão aí?

– Está havendo um engano – disse ele como que numa súplica.

– Como? – Quase gritou a enfermeira como quem não quer acreditar. “O senhor é o quê?”

Ele conseguiu então tentar explicar que sua roupa era um uniforme de bocha do Ipê Clube e que ele estava ali tentando obter informações sobre uma pessoa que havia passado mal.

– Isso é uma emergência, sujeitinho! Uma emergência! E o senhor me vem aqui fantasiado de médico. Vá embora!

Sem ação, o velho Nelson Albuquerque Silva olhou para os lados. Todos estavam concentrados no atendimento aos feridos do acidente, no balcão de atendimento não havia mais viva alma e o porteiro ou segurança olhou para ele e mostrou a porta da saída com o dedo indicador de uma das mãos.

Ele saiu. E no exato momento em que um outro sócio, esse realmente médico, chegava para pedir informações sobre o mesmo assunto, conseguiu saber que o funcionário do clube havia sido medicado de gastrite, estava repousando antes de ir embora e passava bem. Pelo menos ele, claro.

Voltaram para o Ipê tão logo puderam. E as peripécias daquele dia viraram motivo de piada no clube por um bom tempo, onde a toda hora o “doutor da bocha” era cumprimentado pelos colegas de jogos, em meio a tapinhas nas costas e rodadas de cerveja.

O velho não descansou enquanto não soube que a pessoa ferida com fratura exposta na perna havia sobrevivido. O funcionário, claro, também. Entre mortos e feridos restou ao “doutor” uma boa história para contar durante um bom tempo.

*Álvaro José da Silva é escritor e jornalista.

Foi assim

Por Peilton Sena*

Quem ia já não foi, ficou
O tempo parou na porta de casa
Do portão para dentro ficamos
Presos em nossas gaiolas de concreto e aço
Forças ocultas, susto, destino?
Não, surto generalizado
Cada um em seu quadrado
Dentro do medo de ser contaminado
Cadê a algazarra dos meninos?
Cadê o bêbado e o afinador de facas?
Cadê as crianças brincando nas praças?
Cadê o entregador de pão, o vendedor de ovos?

Cadê o casal de idosos sentado no banco?
Cadê a tarde toda prosa? Cadê, cadê?... Cadê todo mundo?
Fronteiras fechadas, ruas vazias, praias desertas...
Fez-se distante o aconchego dos braços
Desfez-se o laço e no vazio do espaço
A saudade invadiu nossas salas
Subiu nas paredes, se instalou na memória
A vida fez pausa, o vírus foi a causa
O silêncio do silêncio incomoda, faz barulho
Ficou escuro no claro do dia
De repente sem aviso, tudo mudou
O mundo girou mais lento, sobraram assentos
No ônibus, no restaurante, no metrô...
A máscara dividiu o rosto em duas partes
Da metade para cima os olhos nem sempre presentes
Da metade para baixo o sorriso escondido, ausente
E foi assim tão de repente, apressadamente
Que um ser microscópico virou de cabeça para baixo a vida da gente

*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Viver é lutar

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

é uma arte.
é intensamente sonhar,
é ter fé em utopias.
é átomo repleto de moléculas.
difusas,
nebulosas.

Viver são desinformes movimentos
de indistintos seres
que sacodem essa brumosa realidade.

Viver são bipolares sentimentos conflituosos,
distorcidos pensamentos,
desincorporação de lágrimas, de gritos, de silêncios, de ódios.

Viver são frustrações contínuas,
incapacidade de amar,
solidão, saudade, impotência.

Viver é estar e ser.
Estar sem sentido de estar.
Estar na casa
Ser no futuro.
Viver na fé em ser.

Viver é agonia, vazio, impotência.
É vagar em uma nebulosa existência.
É estar num passado angustioso
E num presente sofrido.

Viver é um tênue vapor
que subitamente aparece
e... depois...
desvanece.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da AEL
(Academia Espírito-santense de Letras).

A dimensão de Machado de Assis

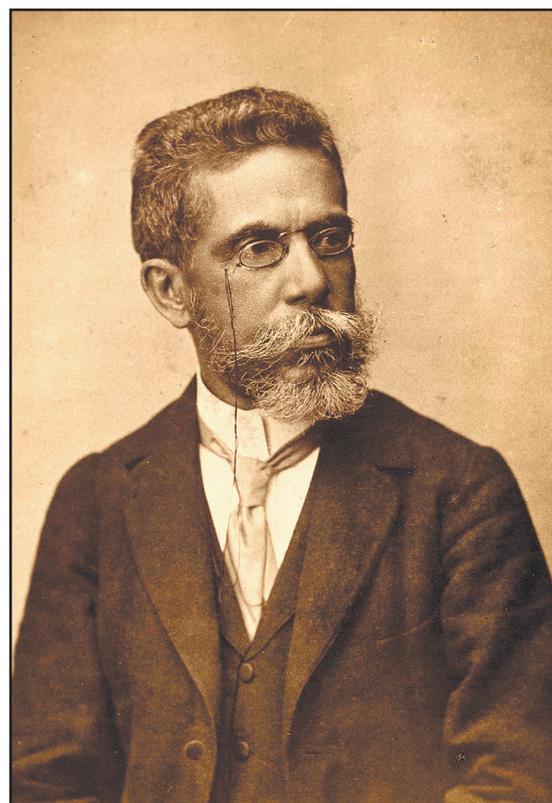
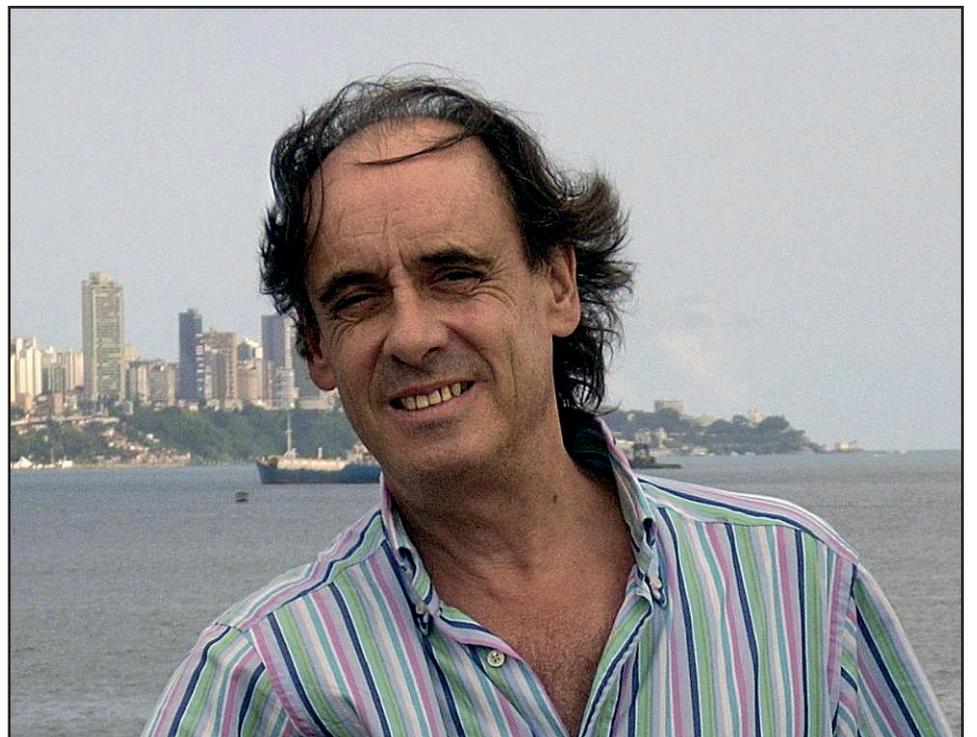
Por Maria Cabral

O escritor e crítico espanhol Antonio Maura, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, esteve no Cairo para a conferência “*El autor y sus máscaras: Una aproximación a Cervantes y Machado de Assis*” (“O autor e suas máscaras: Uma aproximação de Cervantes e Machado de Assis”), no Instituto Cervantes local.

Segundo palavras proferidas na palestra, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), o grande gênio da literatura brasileira, não foi devidamente valorizado pela crítica e mereceria ser reconhecido como um dos melhores escritores do século XIX: “Acho que Machado é um dos grandes nomes do século XIX. Não acredito que se compare nem a (Charles) Dickens, (Honoré de) Balzac, Eça de Queiroz ou ao nosso (Benito Pérez) Galdós. São grandes escritores, mas estão abaixo nos quesitos riqueza, crítica e análise da sociedade e versatilidade. Maura ressaltou ainda que, fora de suas fronteiras, o escritor brasileiro é pouco conhecido.

Na opinião do crítico espanhol, até mesmo no Brasil os estudos sobre Machado de Assis “não refletiram bem” sua faceta de grande crítico do sistema de sua época e da escravidão. Para Maura, o cronista e poeta teve que recorrer à ironia para falar “na surdina” de um tema que não podia ser encarado abertamente por ele ser neto de escravos. Um exemplo disso é *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881).

A escolha do nome do protagonista, que coincide com o início do nome do país, “não é à toa” para alguém tão “inteligente e cuidadoso com a linguagem” quanto era Machado de Assis. Para Maura, “a crítica brasileira foge” desta interpretação porque “não é fácil aceitar que seu país é um país morto ou esteve morto”. O crítico espanhol defende que as obras que o romancista e dramaturgo escreveu depois de *Memórias Póstumas*, como *Dom Casmurro* ou *Quincas Borba*, são dos livros “mais importantes de sua geração, não apenas do Brasil, mas de todo o mundo”. Segundo ele, alguns autores de língua espanhola, como Jorge Edwards, Julián Ríos e Carlos Fuentes, destacaram a importância de Machado de Assis, mas o mestre brasileiro ainda carece do merecido reconhecimento mundial.



Antonio Maura, diretor do Instituto Cervantes do Rio de Janeiro, único espanhol vivo que faz parte da Academia Brasileira de Letras, é escritor, estudioso e tradutor que atua como polo cultural entre Brasil e Espanha há mais de 30 anos.

Manga-rosa

Por Rogério Faria Tavares*

Agarrada à minha, a mão de Judith era o que me prendia à vida, onde já não queria estar. Sonhava com o fim do meu tormento, quando voaria para bem longe, sem corpo e sem dor. Se ainda me restava um ânimo final, era para imaginar a minha carcaça vazia, os órgãos doados para quem deles pudesse fazer algum uso: as córneas, o fígado, o coração, tudo. Em pele e ossos, seguiria para o outro mundo, onde já me esperavam familiares e amigos.

Judith, porém, insistia em segurar o meu pulso, na esperança de que o sangue continuasse a circular. Era uma filha devotada, que se entregara completamente aos cuidados com o doente instalado sobre a cama fria, a cabeça pesando sobre o travesseiro macio e insensível, buscando, aflita, o melhor jeito de partir. Se os músculos mal obedeciam aos meus tíbios comandos, se as pálpebras dificilmente consentiam em deixar os olhos abertos, se os dias se faziam cada vez mais escuros, para que continuar? Por que prosseguir? Judith permanecia inflexível. Com a voz firme, emendava uma oração na outra, enquanto, no criado mudo ao meu lado, se acotovelando, santos de gesso testemunhavam, imóveis, meus esgares e gemidos. Incansável, mobilizava médicos de especialidades variadas e sacerdotes das crenças mais exóticas. Eficiente, contratava as melhores enfermeiras para minimizar meu sofrimento.

Uma moça a quem Judith chamou de Irene entrou no quarto para aparar-me as unhas e podar-me a barba. Seu vulto, em avental

branco, aproximou-se do leito com delicadeza até formar a imagem de uma morena bonita, de cabelos anelados e boca bem desenhada, que consegui vislumbrar nos segundos em que tive força para observá-la. Que cheiro era aquele? Demorei a identificar. Lembrei-me das frutas que colhia do pé quando ainda era criança, na fazenda de meu avô. A palavra insinuou-se entre meus dentes, enquanto a mulher se preparava para fazer o seu trabalho: manga-rosa. Tremi quando sua mão envolveu meu pé esquerdo, ao iniciar o procedimento para o qual fora contratada. Uma área de calor formou-se em torno da região púbica. Espantei-me. Se metade de mim já era vegetal, como poderia conservar, viril, o que sobrava? Com habilidade e delicadeza, Irene manejou a tesourinha, devolvendo aos dedos as feições humanas. Tomando-me as mãos inertes, prosseguiu o seu trabalho. Minha temperatura subiu um pouco mais. Julguei estar com febre. Balbuciei qualquer som, empapado em suor. Judith pousou a mão sobre a minha testa, na expectativa de desmentir-me. Irene estava quase terminando a primeira parte de sua tarefa. Em um minuto, viria com uma bacia de água morna, o creme de barbear e a navalha, para cortar-me os pelos da cara. Caprichosa, alisou meu rosto com método, conferindo a textura da pele e a espessura dos fios brancos que a cobriam. Foi o que bastou: no pomar, com o canivete suíço de meu pai, descasquei a manga com gosto, cravando meus dentes na polpa suculenta. O caldo amarelo escorreu-me pelo queixo, avançando até o pescoço e o peito. Estava sem camisa.

Perspica, Judith pediu que Irene voltasse na manhã seguinte, prometendo-lhe boa remuneração. Ainda tive ouvidos para escutar sua voz em veludo, assentindo. Parti naquela mesma noite, para a fazenda de meu avô.

*Rogério Faria Tavares é jornalista, doutor em Literatura e presidente da Academia Mineira de Letras.

Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



lançamentos [...]

Alvaro Machado

[...] metade é verdade
— Ruth Escobar

METADE É VERDADE Ruth Escobar

Alvaro Machado

A trajetória de Ruth Escobar (1935-2017), uma personalidade capaz de abrir portas até então cerradas para alguém em sua condição — “jovem demais”, “mulher”, “desquitada” —, fatos que a posicionavam à frente de uma época que malograva impor limites.



TOM ZÉ o último tropicalista

Pietro Scaramuzzo

O crítico italiano Pietro Scaramuzzo entrevistou o núcleo tropicalista e inúmeros artistas que participaram da trajetória de 84 anos de vida de Tom Zé para escrever sua primeira biografia oficial. O volume conta com prefácio de David Byrne e apresentação do próprio Tom.

SÉRGIO MAMBERTI senhor do meu tempo

Sérgio Mamberti
Dirceu Alves Jr. (coautor)

As sendas trilhadas por Mamberti foram percorridas pelo jornalista Dirceu Alves Jr, responsável por estruturar um depoimento em primeira pessoa que, além de registrar a biografia do ator, revela como a arte e a política caminharam juntas ao longo de sua história.

SÉRGIO
MAMBERTI

SENHOR DO MEU TEMPO

DIRCEU ALVES JR. (coautor)